



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

UM TRABALHO DE LIXO? ANÁLISE DA ATIVIDADE DE CANTONEIROS DE LIMPEZA EM PORTUGAL

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Joana Santos Ribeiro

Porto, julho 2015



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

UM TRABALHO DE LIXO? ANÁLISE DA ATIVIDADE DE CANTONEIROS DE LIMPEZA EM PORTUGAL

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Joana Santos Ribeiro

Trabalho efetuado sob orientação de

Prof.^a Doutora Liliana Cunha

Prof.^a Doutora Joana Fernandes

Porto, julho 2015

Agradecimentos

Aos meus pais, dedico-lhes esta dissertação,

Aos meus queridos e incríveis participantes, pessoas maravilhosas com quem aprendi muito e que nunca vou esquecer. Foram eles que me motivaram em cada palavra escrita e me fizeram perceber o que realmente é ser Cantoneiro, uma profissão de tanto valor.

Ao Eng. Daniel, à empresa que me permitiu fazer a análise desta atividade e me fez sentir parte da equipa e dar sentido a este trabalho, e ao Sr. Vilas que me acolheu como ninguém, um coração maravilhoso.

À Rosarinho, a melhor pessoa e amiga que conheço e à Ju por toda a orientação e apoio nesta reta final!

À Carlinha e Cris por estarem sempre presentes e serem das minhas melhores amigas.

À Pacha, a minha fiel companheira das festas, aos tempos felizes que vivemos no nosso percurso académico e que vamos viver daqui para a frente.

Ao Di Brandão, à Tocas pela dupla incrível nestes dois anos, à Teresinha, Eva e à Pini.

Ao Nuno, por me fazer feliz.

À Professora Liliana Cunha, por me ter passado este “bichinho” da análise do trabalho, porque sei que sente um carinho tão especial quanto eu sinto por este tema.

À Professora Joana Fernandes e ao Professor Eduardo Oliveira, por serem as minhas referências, pessoas tão acessíveis que nunca vou esquecer.

À Professora Elisa Veiga, por toda a ajuda e orientação no tratamento dos dados, e pela disponibilidade dentro da minha indisponibilidade.

À Marisa Aguiar, a pessoa que mais gostei de conhecer nos últimos tempos.

À Binte e à Riscas, as minhas pequenas!

À Sara, a disponibilidade em pessoa.

Ao meu Gasparzinho (o meu patudinho) que tanta companhia me fez nas noites de dedicação a este tema.

“Há quem diga que nós somos lixeiros, mas nós somos Cantoneiros!”

P.C.

RESUMO

Apesar da extensa literatura relativa ao tratamento e quantidade produzida de resíduos, pouco se tem explorado em Portugal relativamente à atividade concreta dos trabalhadores que fazem a recolha dos Resíduos Urbanos, em camiões, formalmente reconhecidos como Cantoneiros.

O presente estudo, almejando uma compreensão aprofundada desta atividade e das condições em que é efetivamente exercida, seguiu uma abordagem metodológica de cariz qualitativo, com recurso à observação participante e a entrevistas semiestruturadas, com seis Cantoneiros.

Mesmo tratando-se de um estudo exploratório, os resultados tornaram visíveis inúmeros riscos a que estão expostos estes trabalhadores: desde a exposição a matérias perigosas, que são inadvertidamente colocadas no lixo; a atropelamentos, pelo facto de esta atividade ser exercida na rua; e à chuva e frio, sem possibilidade de se resguardarem face a este tipo de condições. Para além disso, os trabalhadores em questão percecionam a distribuição do seu trabalho como injusta (os percursos de recolha não assumem uma homogeneidade de características); dividem-se em opiniões favoráveis e desfavoráveis relativamente ao fardamento e assumem a imprevisibilidade como uma constante na sua atividade. Ainda assim, conscientes da importância da prevenção, mobilizam estratégias e *truques*, apesar dos riscos que podem envolver e cumprindo com as exigências que lhes são prescritas.

Palavras-chave: Cantoneiros, perceções, condições de trabalho, imprevisibilidade, riscos do trabalho.

ABSTRACT

In spite of the extensive literature related to the treatment and quantity of waste produce, few has been explored in Portugal about the workers activity, who collect the Urban Waste, on trucks, named as roadmen.

This essay aims to truly understand this activity and the conditions it is developed, it followed a methodological quality approach, based on direct observation and semi-structured interviews with six roadmen.

Although it is an exploratory research the results showed the countless risks these workers are exposed every day: from hazardous substances, that are unknowingly put in the trash, to running overs, as this activity is carry out on the street, with rain and cold without any chance of protection.

Furthermore, the workers think their work distribution is unfair (the collected paths aren't uniform); there are different opinions about the uniform and the unknown is something really present in this activity. Aware of the prevention importance, they gathered strategies and tricks, despite the risks that can come and keeping all the demands established.

Key words: roadmen, perceptions, working conditions, unforeseeable, working risks.

ÍNDICE

1.	ENQUADRAMENTO	1
2.	ESTADO DA ARTE	3
2.1.	Breve resenha histórica da recolha de resíduos em Portugal.....	3
2.2.	A recolha de resíduos como atividade: convocação da abordagem da Psicologia do Trabalho...	4
3.	MÉTODO.....	8
3.1.	Questões de Investigação	8
3.2	Participantes	9
3.3.	Instrumentos	10
3.4	Procedimento de Recolha de Dados	12
3.5	Procedimento de Análise de Dados.....	13
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	14
5.	CONCLUSÕES.....	22
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS.....	24

“O lixo tem uma particularidade interessante: depois de ser posto no caixote do prédio ou do bairro, ele desaparece...” (Di Chiazza, 2011, p. 38)

1. ENQUADRAMENTO

Apesar de haver já um vasto conhecimento da realidade concreta de trabalho de muitas atividades profissionais, há ainda muitas outras a que tem sido conferida pouca visibilidade, apesar dos riscos que lhes estão intrínsecos. Tal é o caso da atividade que se propõe analisar – a atividade dos Cantoneiros – concretamente, daqueles que fazem a recolha dos resíduos urbanos, porta a porta, nos camiões.

Dentro deste setor de atividade, de recolha de resíduos, denota-se um amplo desenvolvimento teórico acerca da produção e recolha de resíduos bem como dos efeitos nocivos dos mesmos para a saúde pública (Cruz, 2005; Gomes, 2008; Velloso, 2008; Trotta, 2011; ERSAR, 2013; PERSU 2020, 2014), mas permanece relativamente silenciada a discussão sobre a atividade dos Cantoneiros de limpeza e das condições de que dispõem para o exercício da sua atividade. Desta forma, considera-se importante sustentar a pertinência deste estudo, debruçando-nos neste ponto sobre algumas considerações feitas relativamente ao aumento da produção de resíduos e dos seus efeitos na profissão de Cantoneiro de limpeza.

Gomes (2008) defende que a sedentarização do Homem, o êxodo rural, o aumento da taxa de produção de resíduos, instigado, principalmente pelo crescimento do número de produtos industrializados aliado ao crescimento demográfico, tem apresentado reflexos diretos no aumento da produção dos resíduos urbanos. São vários os autores (nomeadamente, Kuijer, 2005; Gomes, 2008) que enfatizam que a componente de recolha e transporte de resíduos assume um carácter de especial relevo devido, essencialmente, ao facto de ser uma das mais onerosas do sistema de gestão de resíduos urbanos, envolvendo muitos equipamentos, viaturas e recursos humanos. Todos os aspetos inerentes à recolha de resíduos e dos seus determinantes, tais como as dinâmicas populacionais, a singularidade de cada território, a variabilidade das matérias a recolher e dos procedimentos a utilizar, as condições do local onde se realiza a recolha, entre outros, não só influenciam o sistema de recolha e as

opções de organização do trabalho, como traduzem efeitos para os Cantoneiros de limpeza, que se dedicam a esta atividade. Como é de esperar, acidentes de trabalho fruto dos riscos que se conjugam no exercício desta atividade, assim como complicações de saúde futuras, a médio ou longo prazo, são suscetíveis de emergir e, neste sentido, torna-se vital aceder ao ponto de vista destes trabalhadores.

Pese embora a pertinência deste ponto de vista, se a pesquisa bibliográfica de estudos desenvolvidos neste contexto, com estes trabalhadores, revela que são poucos os estudos que se debruçam sobre a atividade dos Cantoneiros de limpeza, pretende-se, no âmbito desta dissertação, contribuir para o conhecimento sobre quem são estes trabalhadores que atuam diariamente nas nossas ruas, quais as suas condições de trabalho, quais os riscos da sua atividade, as estratégias que desenvolvem, tendo em vista os objetivos que lhes estão consignados, e de que forma os mesmos se consideram enquanto trabalhadores no setor em questão e são considerados pela sociedade em geral. Acresce ainda o facto de a produção de “lixo” ser um importante fenómeno social, que se assume como um conhecido perigo para a saúde pública, mas ainda assim pouco abordado e enfatizado na sociedade (Velloso, 2008; Di Chiazza, 2011), senão quando algo corre mal.

Uma vez enunciados os fundamentos que sustentam a pertinência deste estudo e a ênfase na atividade dos Cantoneiros de limpeza como foco privilegiado, torna-se essencial conhecer, de forma sumária, a história dos resíduos em Portugal, para uma posterior caracterização das exigências inerentes à atividade dos Cantoneiros e dos riscos que a mesma acarreta. Por último, será retratada a especificidade do olhar da Psicologia do Trabalho, em que se enquadra este trabalho e que nos munuiu de ferramentas para concretizar a análise da atividade a que nos propusemos.

2. ESTADO DA ARTE

2.1. Breve resenha histórica da recolha de resíduos em Portugal

A produção de resíduos, comumente designados por lixo, é algo que surge como consequência dos recursos que todos os dias mobilizamos nas mais diversas atividades humanas (Plano Estratégico para os Resíduos Urbanos, 2014).

Velloso (2008) caracteriza o lixo como um resíduo desprezado e temido pelo Homem, uma vez que representa os restos da atividade humana. Na verdade, a produção de resíduos, de diversos tipos, se não for devidamente gerida, constitui fonte de contaminação e de risco para o meio ambiente, para a saúde pública e para aqueles a quem cabe a tarefa de os recolher, transportar e depositar em locais apropriados (Pereira, 2013), fazendo com que este contacto permanente, caracterize a recolha do lixo como um dos trabalhos mais arriscados e insalubres que existem (Miglioransa, Rosal, Perin, Ramos, Fossati & Stein, 2003).

Cruz (2005) afirma que em Portugal, até à década de 90, os resíduos sólidos urbanos produzidos eram conduzidos para lixeiras a céu aberto, depositados sobre solo não protegido, onde eram queimados para redução do seu volume, sem qualquer controlo ambiental e de saúde pública deste tipo de solução.

Foi-se verificando ao longo dos anos uma crescente apreensão com a produção e recolha dos resíduos produzidos pela sociedade, tendo em conta a sua nocividade para o ambiente. Em 1992, ano que se caracteriza por uma mudança significativa no olhar destas questões, foi aprovado o PERSU (Plano Estratégico Setorial dos Resíduos Sólidos Urbanos), assumindo-se como referência nas questões da gestão de resíduos urbanos em Portugal Continental, dando resposta aos desafios que se colocam ao dinamismo que caracteriza o setor (PERSU 2020, 2014), trazendo impactos nomeadamente no que concerne à construção de infraestruturas ambientalmente sustentáveis e à implementação de sistemas de recolha seletiva (Cruz, 2005). De acordo com a Entidade Reguladora dos Serviços de Água e Resíduos (ERSAR, 2013), o país reorganizou-se de forma a promover o desenvolvimento sustentável dos serviços de resíduos, conseguindo alcançar, nos últimos vinte anos, diversos progressos no que concerne a estas matérias.

Ainda assim, não obstante a preocupação crescente e as diversas medidas implementadas em Portugal, a produção de resíduos tem crescido de forma bastante visível

nos últimos anos (Trotta, 2011). De acordo com dados do INE (2011), entre 2002 e 2011, registou-se uma taxa de crescimento médio anual de 1% no que se refere às quantidades de resíduos gerados por habitante/ano, tendo em conta que em 2002, cada habitante gerava em média 443 kg, registando-se em 2011 um valor de 487 kg por habitante. No ano de 2012, a quantidade de resíduos urbanos produzidos em Portugal foi de 4,8 milhões de toneladas (PERSU 2020, 2014). O facto de a produção de resíduos deixar traços a vários níveis, uma vez que não são acumulados nas habitações, mas sim depositados em contentores ou nas ruas faz com que o seu impacto seja nocivo para o ambiente (PERSU 2020, 2014). Não só problemas de índole ambiental estão em causa, mas também problemas económicos, tendo em conta que entre os anos de 2007 e 2011, as administrações públicas aplicaram, anualmente em média, mais de 500 milhões de euros nas atividades de recolha e transporte de resíduos, sendo urgente a adoção de medidas que revertam este quadro (Trotta, 2011), e garantam a sustentabilidade, nomeadamente, ambiental e económica, reconhecidas atualmente como preocupações inegáveis.

Quando se abordam as questões associadas à produção do “lixo”, é comumente silenciada a referência àqueles cuja profissão se traduz na recolha destes mesmos resíduos. Remetemo-nos assim para os Cantoneiros de limpeza, popularmente conhecidos como “lixeiros”. Quem são estes trabalhadores, quais são as suas funções, vivências e experiências? O que fazem concretamente e como o fazem? E com isto abrimos também espaço para uma discussão sobre uma outra dimensão da sustentabilidade deste setor: a sustentabilidade das condições de trabalho destes trabalhadores.

2.2. A recolha de resíduos como atividade: convocação da abordagem da Psicologia do Trabalho

Os trabalhadores que exercem a atividade de Cantoneiros de limpeza, de acordo com Bouchet e Domont (1995, cit in Gomes 2008), prestam serviço público em empresas privadas e municipais; são predominantemente do género masculino; e com baixa escolaridade. Esta profissão é normalmente de fácil acesso para pessoas que não possuem qualquer tipo de formação prévia e as perspetivas de evolução na carreira estão circunscritas à passagem a motorista ou a coordenador operacional. Costa (2004) considera ainda que esta é uma profissão pouco valorizada pela sociedade, ainda que estes trabalhadores possuam uma perceção da sua utilidade pública.

De acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (2010), o Cantoneiro de limpeza está incluído no grupo 9 - Trabalhadores Não Qualificados, sendo assim uma profissão que não exige certificações para o seu desempenho. As suas funções dizem respeito não só à recolha do lixo, como também à limpeza das ruas. É responsável pela varredura e recolha de detritos utilizando vassoura e pá, vazando-os em carros de mão ou em camionetas especiais. Assegura a lavagem das vias públicas com jatos de água servindo-se de mangueiras. Recolhe os contentores de lixo da via pública e vaza-os em carros apropriados, colaborando ainda na descarga do lixo em vazadouro especial. O Cantoneiro pode ainda manobrar máquinas adequadas à limpeza e lavagem das vias públicas.

A Psicologia do Trabalho, tal como a concebemos, prossegue objetivos de melhoria das condições de trabalho, para um maior bem-estar e benefício dos trabalhadores, sem esquecer as questões associadas à produtividade. Esta melhoria deve ser efetivada através de uma intervenção ao nível das condições de trabalho, envolvendo os diferentes atores intervenientes, tendo em conta que, se esta apenas se processar exclusivamente junto dos trabalhadores, os constrangimentos inerentes ao trabalho são passíveis de perdurar e nesta linha podem considerar-se as consequências do trabalho na saúde mental (Merlo, 2002), que como Rydsted, Stansfeld, Head e Woodley-Jones (2012) nos afirmam, fatores como a qualidade das relações sociais no local de trabalho tem uma associação positiva na saúde mental.

Lacomblez, Santos e Vasconcelos (1999) referem que a tradição científica da Psicologia do Trabalho, inscrita no quadro de referência da ergonomia da atividade (Guérin et al., 1991) se sustenta na diferenciação entre o trabalho prescrito e o trabalho real e na existência de um desvio incontornável entre os dois, na medida em que o trabalho real não corresponde às regras e objetivos determinados *a priori* (Borges, 2004), mas é sim produto da variabilidade de ocorrências que os trabalhadores têm de enfrentar no seu quotidiano de trabalho, preservando ainda assim o cumprimento dos objetivos definidos. Desta feita, a Psicologia do Trabalho sustenta assim um caráter duplo na análise do trabalho, considerando simultaneamente a análise da tarefa (trabalho prescrito), e a análise da atividade (a forma como os trabalhadores lidam com as vicissitudes das suas condições de trabalho – trabalho real).

De acordo com Falzon e Teiger, (1995), a atividade é, então, um processo de interação do trabalhador com o seu trabalho, as características e os constrangimentos do meio, o seu estado interno e os seus objetivos individuais.

Segundo Schst (2006) cit. in Gomes (2008), a atividade de recolha de resíduos urbanos tem duas características que determinam a sua singularidade, nomeadamente a influência da carga de trabalho e o contacto direto que os Cantoneiros têm com os materiais recolhidos. No que respeita à carga horária do trabalho, é necessário compreender que o volume e características dos resíduos são função dos dias da semana, da sazonalidade e das atividades dos moradores, sendo que existe uma elevada variação da carga de trabalho (Lavoie, Bourdouxhe & Guertin, 2004). O contacto com os resíduos na sua recolha está diretamente associado a exposições a diversos fatores de risco, designadamente, riscos físicos, químicos, biológicos, psicossociais, propiciando a emergência de infeções assim como de outros problemas de saúde, de que as lesões músculo-esqueléticas são exemplo característico (Lavoie et. al., 2004; Silveira, 2009; Pereira, 2013). É importante ressaltar que estes riscos não se podem analisar de forma exclusiva, tendo em conta que, no decorrer desta atividade, os mesmos interagem entre si. De seguida, serão então abordados alguns dos fatores que mais contribuem para o reconhecimento desta atividade como uma atividade de risco.

Carrolo (2011), efetuou um levantamento de fatores de risco associados à atividade de Cantoneiro de limpeza, onde se destaca, nomeadamente, a exposição a condições climáticas adversas e ao ruído; o ritmo intenso de trabalho; a repetitividade de movimentos e/ou gestos (frequência de subida e descida do estribo e da cabine); o transporte de cargas pesadas e o trabalho por turnos. Outros estudos (Pinho & Neves, 2010; Ferreira & Anjos, 2001; Alhaique, 2014) enfatizam os riscos que os Cantoneiros de limpeza correm, em função da exposição diária aos resíduos, tais como acidentes de trabalho e contacto com produtos químicos. Edwards (2014) evidencia num estudo que teve enfoque nas condições de trabalho de Cantoneiros de limpeza, no Reino Unido, o quão vulneráveis estes profissionais estão a acidentes de trabalho que podem resultar em lesões, amputações e, em último caso, óbitos. Como reiteram Serranheira, Uva e Espírito-Santo (2009), os trabalhadores, em situação real de trabalho, para alcançar o desempenho esperado pela organização (trabalho prescrito), cumprindo com os objetivos que lhe são impostos, colocam com frequência a sua saúde em risco.

No que concerne às representações sociais do trabalho de Cantoneiro de limpeza, esta é uma profissão tradicionalmente desvalorizada pela sociedade em geral. Num estudo realizado por Fossá e Saad (2006), no Brasil, foram efetuadas entrevistas com alguns profissionais deste setor, numa tentativa de compreender como estes percebem a opinião da sociedade sobre si próprios. As autoras concluíram que estes trabalhadores sentem que a sua atividade é desvalorizada e encarada de forma preconceituosa pela sociedade: sentimentos como

vergonha face à atividade exercida e de falta de reconhecimento foram apontados por estes trabalhadores.

Com base num outro estudo, Velloso, Santos e Anjos (1997) argumentam que esta profissão, e a imagem que lhe está associada são entendidas como problemáticas, existindo mesmo um desprezo por esta atividade e pelas condições de trabalho da mesma.

Podemos assim perceber, que o trabalho dos Cantoneiros é inantecipável, feito na “diversidade de situações e na ambiguidade de significados que vão do prazer ao sofrimento, da liberdade ao cercamento, do risco à diversão, da visibilidade à invisibilidade (Santos, 1999, p.9)”.

3. MÉTODO

O presente estudo segue uma abordagem qualitativa, procurando caracterizar a realidade de trabalho dos Cantoneiros, através de observações e entrevistas com estes trabalhadores, numa tentativa de dar visibilidade às condições em que a sua atividade é realizada (Temporini, 1995).

Denzin e Lincoln (2005) identificam a metodologia qualitativa como situada, contextualizada, consistindo num conjunto de práticas interpretativas que conferem relevo a situações e questões dificilmente traduzíveis por uma abordagem quantitativa. Aqueles que assumem uma abordagem qualitativa estudam os fenómenos no seu ambiente natural, tentando dar sentido aos mesmos, interpretando estes fenómenos em termos dos significados que as pessoas lhes dão. A abordagem qualitativa objetiva não o juízo de valor, mas a compreensão do ponto de vista dos sujeitos (Bogdan & Biklen, 1994).

Privilegiamos então no âmbito deste trabalho de investigação uma orientação exploratória sobre uma atividade ainda parcamente explorada (Sampieri, 2006).

3.1. Questões de Investigação

Foram formuladas duas questões centrais de investigação (Pardal & Lopes, 2001) com o intuito de compreender esta atividade (Stake, 1995):

Questão de investigação 1: Como é caracterizada a atividade dos Cantoneiros, em contexto real de trabalho?

Com esta questão procura-se descrever o trabalho real dos Cantoneiros e, por isso, aceder a uma caracterização desta atividade e das suas especificidades, considerando que se trata da recolha de resíduos, bem como das condições de trabalho e de emprego e dos riscos profissionais que os trabalhadores identificam.

Questão de investigação 2: Que consequências comporta esta atividade para estes trabalhadores?

Nesta segunda questão procura-se compreender as consequências advindas desta atividade, nas suas várias dimensões - *segurança, saúde, social e familiar*.

3.2 Participantes

Para a seleção dos participantes, foi estabelecido contacto com todas as empresas que se dedicam à recolha de resíduos no Grande Porto. Contudo, observou-se uma delonga de respostas afirmativas. Esta demora pode ser explicada pela relutância de algumas empresas em abrirem as suas portas e verem avaliadas as condições de trabalho que oferecem aos seus trabalhadores, bem como as opiniões dos mesmos face às atividades que exercem e a todos os aspetos inerentes à sua função. Também o facto de esta ser uma atividade à qual se dedica pouco interesse em questões de investigação pode ter contribuído para a ausência de respostas positivas num período compatível com o tempo definido para a realização da dissertação. Desta forma, foi experimentado um contacto mais personalizado com todos os Cantoneiros de Portugal cadastrados na rede profissional LinkedIn, com uma configuração semelhante a uma rede social é associada à partilha e conhecimento de informações no domínio profissional (Tomaél, Alcará & Di Chiara, 2005).

Deste modo, depois de contactados alguns Cantoneiros que se mostraram recetivos em participar neste estudo, foram marcadas entrevistas presenciais – sempre salvaguardando o ambiente e local mais confortável para os participantes e nunca descurando questões de anonimato –, que tiveram lugar em Lisboa, Porto e Penafiel.

Posteriormente, uma das empresas previamente contactada mostrou-se favorável ao desenvolvimento do estudo com os seus próprios trabalhadores, possibilitando assim a realização de uma observação participante da atividade destes trabalhadores numa noite de trabalho. Ressalva-se aqui o interesse da empresa em melhorar aspetos do trabalho destes trabalhadores que deste estudo pudessem advir.

A amostra da presente investigação foi constituída numa fase inicial por nove participantes, no entanto, após a transcrição integral das entrevistas realizadas e de uma leitura flutuante das mesmas, percebeu-se que faria sentido apenas incluir seis dessas entrevistas. As razões desta decisão pautaram-se, sobretudo, pelo facto de: um dos participantes se ter mostrado bastante receoso e ter dado respostas fechadas a todas as questões omitindo aspetos importantes da sua atividade; outro participante ter mostrado comportamentos de revolta constantes, divagando bastante e não sendo possível colocar muitas das questões; por último

um entrevistado que não acrescentou novos dados para além dos já acedidos através das restantes entrevistas.

Relativamente à caracterização sociodemográfica dos participantes, é de referir que são todos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 20 e os 57 anos. Dois participantes foram Cantoneiros e atualmente já não são, embora durante as entrevistas se tenham reportado à altura em que o eram. A maioria dos participantes declarou ser casado (n=4), e, no que respeita aos filhos quatro são pais. No que concerne às habilitações literárias, encontram-se/encontravam-se a frequentar ensino superior (n=2), enquanto os restantes possuem o quarto ano de escolaridade (n=1), o nono ano (n=2) e um concluiu o ensino secundário. Em média, estes participantes contam com oito anos de antiguidade nas funções de Cantoneiro. A maioria possui um vínculo laboral efetivo (n=4) e todos se encontram a desempenhar a função de Cantoneiro pela primeira vez, tendo tido outras profissões anteriormente.

É ainda de realçar que todos os participantes exercem a sua atividade laboral num regime de *full-time*, em horário noturno; tendo direito a uma folga fixa ao domingo e a outra rotativa, durante a semana. Optamos por não divulgar mais dados relativamente à caracterização dos participantes na medida em que, a sua identificação com referência à idade, antiguidade ou ao local de trabalho poderia fragilizar estes trabalhadores, sabendo que poderiam ser mais facilmente identificados pela entidade empregadora e também através do *LinkedIn*.

3.3. Instrumentos

De acordo com Falzon e Teiger, (1995), quando pensamos em elementos sobre os quais nos podemos apoiar para analisar uma atividade de trabalho, pensamos em objetivos, condições internas e externas, equipamentos, meios técnicos, e meios humanos, entre outros. É indispensável o contacto direto com os trabalhadores, no sentido de poder analisar de forma realista e contextualizada da sua atividade de trabalho. Isto porque as diferenças entre o trabalho prescrito, e o trabalho real são variadas. Assim sendo, é importantíssimo não descurar as diferentes opções metodológicas que podemos utilizar no âmbito da análise da atividade, e a que recorreremos no âmbito desta pesquisa, nomeadamente a observação e a entrevista semiestruturada aprofundada (Daniellou, Simard & Boissières, 2011). Tendo isto em conta foi utilizado um guião de entrevista semiestruturado, e ainda feita observação

participante como estratégia metodológica de recolha de dados e suporte à construção do guião.

A observação define-se como o método estruturante de recolha de dados em Psicologia do Trabalho, consistindo no acompanhamento, direto ou indireto, da atividade de trabalho tal como ela é efetivamente exercida (Guérin, et al., 1991). Na presente investigação, foi feita a opção de realização de uma observação participante, em que o investigador não só presenciou os factos, mas também experimentou a realização da atividade tal como ela é realizada (Moresi, 2003).

Para além da observação, foram privilegiadas as entrevistas individuais, com o intuito de explorar outros dados, que não são suscetíveis de serem apreendidos senão através do discurso dos participantes. Privilegiou-se o uso de entrevistas semiestruturadas, que se caracterizam pela utilização de um guião, seguindo uma estrutura definida, embora aberta e flexível. Assim, a ordem das perguntas é passível de ser alterada, bem como se permite a introdução de novas questões, fruto das verbalizações do entrevistado, que desta forma se sente mais receptivo em mostrar o seu ponto de vista e em se expressar, sem estar condicionado apenas às perguntas formuladas pelo investigador (Flick, 2005).

O guião semiestruturado utilizado nas entrevistas aos Cantoneiros de limpeza foi construído intencionalmente para esse efeito, tendo como suporte os pressupostos da literatura sobre a recolha de resíduos em Portugal e as assunções associadas ao INSAT - Inquérito de Saúde e Trabalho (Barros-Duarte, Cunha & Lacomblez, 2007). A leitura atenta do inquérito INSAT foi fundamental para a construção do Guião de Entrevista aos Cantoneiros de Limpeza, uma vez que o INSAT objetiva compreender as condições de trabalho e os seus constrangimentos, bem como os seus efeitos na saúde, a partir do ponto de vista dos próprios trabalhadores (Barros-Duarte, Cunha, & Lacomblez, 2007); objetivos estes partilhados na construção do guião.

O Guião de Entrevista construído foi então estruturado em seis partes, nomeadamente: parte I – Dados sociodemográficos e percurso profissional; parte II – Mudanças no trabalho; parte III – Análise da atividade de trabalho: condições de trabalho e principais fatores de constrangimento (físico e organizacional); parte IV – Impactos percebidos da atividade de trabalho; parte V – Propostas de transformação/melhoria e parte VI – Considerações finais/Conclusão.

A primeira parte da entrevista, *Dados sociodemográficos e percurso profissional*, consistiu na obtenção de alguns dados biográficos e familiares sobre o participante, bem como das suas condições de emprego e do seu percurso profissional. A segunda parte, *Mudanças no*

trabalho, remeteu para as transformações ocorridas na atividade de trabalho, desde que o trabalhador começou a desempenhar esta atividade. Naquela que designamos como terceira parte, *Análise da atividade de trabalho: condições de trabalho e principais fatores de constrangimento (físico e organizacional)*, e onde está aglomerado um maior número de questões, foi escrutinada a atividade de trabalho, as condições físicas do trabalho, organização do trabalho e a gestão de situações imprevistas, os riscos identificados, os equipamentos, a formação e as relações de trabalho. Na quarta parte, *Impactos percebidos da atividade de trabalho*, foi abordado o impacto percebido da exposição aos riscos do trabalho - na saúde, na vida pessoal e familiar e, para além destes, os impactos possíveis da atividade na vida coletiva. Na parte V, *Propostas de transformação/melhoria*, foram solicitadas aos participantes sugestões de melhoria da sua atividade de trabalho, e por fim, na parte VI – *Considerações finais/Conclusão*, feito um balanço de reflexão final sobre a atividade, com referência ao que dá mais prazer, ao que é mais difícil, ao que é mais perigoso e ao que exige mais experiência, concedendo-se espaço para que outras informações adicionais pudessem ser consideradas, caso o participante considerasse relevante fazê-lo.

3.4 Procedimento de Recolha de Dados

A recolha dos dados teve início com a observação participante da atividade dos Cantoneiros que exerciam atividade na empresa que autorizou a realização deste trabalho, com os seus trabalhadores. Esta observação participante foi concretizada durante toda a jornada de trabalho, ou seja, no horário normal de trabalho dos Cantoneiros (das 20h às 4h). No contexto desta mesma empresa, foram também conduzidas duas entrevistas, numa sala disponibilizada para o efeito e garantido o total anonimato dos participantes. As restantes entrevistas foram feitas nos locais tidos como mais convenientes aos participantes – em Lisboa, Penafiel e Porto, duas em locais públicos mas recatados, e as restantes em casa dos participantes.

É de ressaltar que, no início de todas as entrevistas, foi apresentado um termo de consentimento informado aos participantes (cf. Anexo 1), de forma a enquadrar o projeto de investigação em causa, os seus objetivos e metodologia privilegiada, justificando a importância da sua participação e do contributo do seu ponto de vista, ao mesmo tempo que se assegurou aos mesmos o anonimato das informações partilhadas. Foi ainda sublinhada a

possibilidade de desistência dos participantes em qualquer momento do processo de investigação, sem quaisquer repercussões ou dano para os mesmos.

3.5 Procedimento de Análise de Dados

O processo de análise de dados foi efetuado em três etapas. Primeiramente procedeu-se à transcrição completa de todas as entrevistas efetuadas, de formato áudio para escrito, tendo cada uma delas uma duração média de 2h20. De seguida, foi feita uma leitura flutuante das entrevistas já transcritas, tendo em vista a apropriação do conteúdo das mesmas (Bardin, 1977) e, por último, as entrevistas transcritas, assumindo uma lógica semi-indutiva, foram trabalhadas com recurso ao *Software NVivo10*, que permitiu a sua codificação, a exploração dos dados (Brandão & Miguez, 2015) e a sua significação (Teixeira, 2003), tendo como foco os significados que os participantes atribuem à sua atividade (Strauss & Corbin, 1990). Mais detalhadamente, foi organizado todo o material em categorias e, por sua vez, em subcategorias (cf. Anexo 2) (Nogueira-Martins & Bógus, 2004). Esta organização foi sofrendo alterações, sabendo que a classificação e organização dos dados assume uma maior complexidade no processo de análise à medida que se realiza o seu tratamento. Aliás, revelou-se necessário repensar algumas ideias iniciais, uma vez que o trabalho de categorização não esgota a análise (Nogueira-Martins & Bógus, 2004).

Ressalva-se que os dados referentes às observações foram sistematizados com o objetivo de orientar a análise do conteúdo das entrevistas e de enriquecer os seus resultados, pelo que não foram sujeitos a uma análise em si mesma. Eles foram produzidos com o intuito de permitir o confronto com os dados das entrevistas e de conferir sentido ao curso da investigação, nomeadamente, para que as questões abordadas em contexto de entrevista fossem sustentadas no real da atividade destes trabalhadores.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste ponto são apresentados e discutidos os resultados que emergiram das entrevistas, procurando-se retratar passagens discursivas codificadas nas categorias, que se revelem pertinentes (assinaladas a *bold*) (cf. Anexo 3) para a resposta às questões de investigação anteriormente enunciadas, articulando a discussão com referências à literatura sobre a temática em foco.

Questão de investigação 1: Como é caracterizada a atividade dos Cantoneiros, em contexto real de trabalho?

Quanto aos cinco participantes que descreveram a sua atividade profissional durante as entrevistas, estes significaram-na como a “(...) *recolha e transporte de resíduos até ao destino final onde são tratados (S.R.)*”, além disto um participante afirma também assumir **outras tarefas** [“*Faço lavagem de contentores, lavagem e desinfestação de contentores (...) camião para a recolha (...) shoppings também, tirar de lá o entulho (E.G.)*”]. Estas aceções enunciadas vão de encontro à caracterização desta profissão pela Classificação Portuguesa das Profissões (2010) que refere que as funções não se confinam apenas à recolha dos resíduos mas sim a uma panóplia de tarefas que, como observado no discurso dos participantes se podem prender com a limpeza de contentores, recolha de entulho (entre outros).

Dentro do que é a rotina destes trabalhadores, um dia de trabalho define-se como o cumprimento da recolha de resíduos dos contentores de uma volta (rota/percurso de recolha) completa e “(...) *deixar à volta dos equipamentos tudo limpo (O.T.)*”. Foram enfatizados, nos percursos de recolha, **especificidades** por parte de todos os participantes [“*O que acontece é que nuns circuitos dão umas sandes, e no Natal às vezes dão gorjetas... por exemplo o circuito da X é um circuito seco (S.R.)*.”] e, uma vez que a atividade de trabalho se constitui como um processo de interação trabalhador-trabalho (Falzon e Teiger, 1995), foram identificadas perceções relativamente aos percursos de trabalho no discurso dos Cantoneiros, nomeadamente de injustiça na **distribuição das voltas** [“*As voltas podiam ser melhor repartidas (E.G.)*”], embora um participante enfatize que “*...é mais ou menos feito no sentido de... estar bem dividido (B.O.)*”, algo que pode remeter para a dificuldade de igualar as distâncias e exigências de todos os percursos.

Além disto, e num dia normal de trabalho é comum que três participantes tenham **tempos de espera para sair** [*“temos que ficar lá... às vezes é stressante (O.T.)”*], um participante refira ter autorização para sair um pouco mais cedo [*“Deixa... sair um bocadinho mais cedo, mas também não pode ser à descarada (P.C.)”*] e outro refira que *“quanto mais depressa andássemos melhor, pode ser que saíssemos mais cedo (A.C.)”*, o que poderá estar relacionado com o facto de ser uma atividade muito exigente, realizada em horário noturno, e que, tendo autorização para sair mais cedo, é legítimo que tentem, de forma coletiva, terminar o trabalho mais cedo. É também comum que todos antecipem que, durante uma noite de trabalho, encontrem **achados** [*“Aparecem bicicletas. Um chapéu mexicano novo. Quadros. Triciclos. (S.R.)”*]. Em alguns casos, quatro Cantoneiros descrevem situações de **imprevisibilidade** [*“Olha, eu ontem encontrei, que até disse ao rapaz que estava comigo, um saco cheio, cheio, cheio de erva. Alguém tinha uma plantação, ali nas X, deviam saber que ia haver rusga e então mandaram para o contentor. Já encontrei... até fiquei nervoso, pensei que ia desmaiar. Foi na altura do natal, já era bastante tarde, então o que é que acontece? Eu ia a passar pela zona Y e tenho dois contentores à frente e está um carro parado... então sai do carro um tipo encapuçado de pistola na mão... eu fiquei branco... e o meu pai “o que é que foi?” E eu “não olhes, não olhes...” porque quanto menos olhar melhor. Fiquei mesmo branco, mudei de cor não sei quantas vezes. Fiquei mesmo em pânico...(P.C.)”*], nomeadamente situações ligadas à imprevisibilidade das matérias recolhidas, algo também referido por Schst (2006) cit. in Gomes (2008), ou então situações que são percecionadas como sendo difíceis, como o caso das deslocações a **alguns bairros** [*“Pelo menos do Bairro Y, a gente anda lá com os Ciganos vêm logo atrás, tentam-nos roubar sacos... para as feiras... muita gente não quer ir para os Bairros, já chegaram a ser apedrejados (E.G.).”*] em que se percebe que este trabalho exige o confronto com situações frequentemente inéditas (Borges,2004).

Ter que enfrentar constrangimentos é também outra das vivências que afirmam nesta atividade, nomeadamente relacionados com as **condições climatéricas** [*“Fazer o trabalho a chover...custava imenso (A.C.).”*] – um facto intrinsecamente associado à execução desta atividade e que é apontado por todos os participantes e também enunciado por Carrolo (2011) como algo a que estão sujeitos –, e ainda, o **comodismo dos cidadãos** – este bastante presente – [*“As pessoas são capazes de sair de casa e pousar a saca ao lado da porta (B.O.)”*] e referido em diversos momentos ao longo das entrevistas o que pode estar ligado ao desprezo que muitas vezes os Cantoneiros afirmam sentir por parte dos outros cidadãos quanto ao seu trabalho (Velloso, Santos e Anjos, 1997) *“Se valorizassem, respeitavam mais (...) B.O.)”*. Na mesma linha, cinco

Cantoneiros enunciaram que outros constrangimentos podem surgir nos percursos que concretizam, nomeadamente, terem que se debater com **carros mal estacionados** [*“Um carro estacionado à frente do contentor, nós não conseguimos tirar (B.O.)”*], e, **cheiros** ou [*“...contentores dos restaurantes...o cheiro que menos gosto é o da comida (P.C.)”*] **excesso de lixo** [*“passagem de ano...havia muita acumulação...despejar...iam três, isso é que dava mesmo muito lixo (A.C.)”*] em situações concretas, algo que vai de encontro ao discurso de Lavoie, Bourdouxhe e Guertin (2004) que também enfocam o volume dos resíduos em função de momentos concretos como dias da semana, sazonalidade ou atividade dos moradores. Ainda, três participantes apontam o encontro de **animais no lixo** como um constrangimento [*“Ainda esta semana ...fogo...até disse ao colega pa por um pano...um gato todo preto, assim morto, os olhos pa fora (E.G.)”*] e as **quedas de contentores**, designadamente, nos momentos de descarga [*“Quando o contentor cai lá dentro (...) já tive que tirar p’raí quatro vezes de lá de dentro... ir lá dentro (P.C.)*]. Já constrangimentos como **roubos de lixo** [*“Roubam tudo...quem anda todos os dias temos que ter cuidado (S.R.)”*] e **avarias** [*“houve uma avaria na volta (...) precisavam de ajuda porque estava muito atrasado (...) (P.C.)”*] são ainda elencados por dois participantes. Por fim, um Cantoneiro indica também a **culpabilização do camião pelos carros riscados** [*“Dizer que tinham dado cabo dos carros e não tinham nada (E.G.)”*] como outro constrangimento.

Para a compreensão do que é a atividade de Cantoneiro foi essencial atender aos facilitadores e riscos que os participantes foram identificando, tal como é aliás discutido por Lacomblez, Santos e Vasconcelos (1999) ao afirmar a diferenciação entre o trabalho prescrito e o trabalho efetivamente concretizado. Na referência aos facilitadores a que recorrem na gestão dinâmica da sua atividade, todos os participantes identificam os **truques** que usam [*“Aldrabamos um bocadinho os poleiros... sensor atrás e a gente, se ele estiver um bocadinho levantado, vai acionar o sensor, não é? E a gente então põe um bocadinho de cartão e aquilo não vai abaixo e o motorista anda mais à vontade (O.T.)”*]. Conscientes das vicissitudes da sua atividade, também assumem os riscos que correm na sua regulação, como os **saltos do poleiro** – estrutura metálica traseira do camião, na qual vão pendurados – [*“se montar ao cavalinho tenho de ter cuidado com as curvas... (P.C.)”*]. Depois foram identificados por cinco participantes as **matérias perigosas** [*“Os riscos maiores são as agulhas, objetos de corte como vidros e assim, líquidos corrosivos ou ácidos (...) (E.G.)”*].], os **descuidos do motorista** [*“Depois é muita atenção, para a frente e para o pessoal. E para o lixo. Para os sacos, para os carros. Cuidado em sítios estreitos, manobras (S.R.)”*] e o **peso dos caixotes e**

sacos [“(...)botam à porta e cada saco pesado, que os dois às vezes para levantar vemo-nos aflitos (O.T.).], indo de encontro à referência de cargas pesadas que Carrolo (2011) enfatiza como muito presente nesta atividade. Também o **manuseamento e descarga dos caixotes** é outro risco apontado por três participantes [“Podemos nos cortar senão tivermos cuidado lá com os sacos. Mais... Queda de objetos... (E.G.)”]. Riscos como **atropelamento** [“Avenida X, se a gente não tiver atenção, há ali carros que é sempre a andar, se se desviar um bocadinho está sujeito (O.T.)”.] e o **trilhar mãos** [“Ainda estarmos a agarrar na asa e ele a levar os ganchos e trilhar os dedos ou a mão (A.C.)”.] são apontados por dois participantes. Enquanto que a **exposição a pó** [“Às vezes a gente inala pó... Há muito pó, por exemplo, que a gente vira pó de serrim, pó de obras...(O.T.)”], o **embate no camião** [“E também as pessoas, às vezes é por distração delas. Já temos um caso de um carro que bateu num camião atrás (E.G.)”.] e ainda **andar no camião** [“Trabalhar em cima de um camião acaba sempre por ser muito mais perigoso (...) o risco maior de nos magoarmos e termos acidentes de trabalho, acima de tudo, é nos camiões (B.O.)”.] também se constituem, *per si*, um fator de risco identificado. Fazendo uma ponte entre este trabalho real, onde recorrem a truques para facilitar a sua realização, e à consciencialização dos riscos que correm, podemos dizer como é também reiterado por Serranheira, Uva e Espírito-Santo (2009) que, em situação real de trabalho, para alcançarem o desempenho esperado, estes trabalhadores colocam a sua saúde frequentemente em risco, introduzindo aqui um novo facto - que os Cantoneiros estão bastante conscientes do que pode acarretar o uso de truques, como é o caso dos riscos que deles podem advir.

Outro aspeto percebido na análise dos relatos dos participantes refere-se às suas **condições e instrumentos de trabalho**. Outrora, estas foram descritas como sendo más, porém, e atualmente, são tidas como melhores [“Haviam carros que estavam... a cair de podres... atualmente são mais modernos, câmaras atrás, já não há aquela necessidade do Cantoneiro fazer gestos ao motorista porque ele consegue visualizar melhor se está alguém atrás ou não (A.C.)”]. Apesar das evoluções que foram, de certo modo, marcando a atividade, percebe-se que esta dimensão do trabalho é avaliada ainda por metade dos participantes como sendo frágil, dado o **mau fardamento** [“Em questão de fatos de chuva é uma miséria (O.T.)”]. Balanceando a evolução desta atividade, e apesar da referência às más condições de fardamento por três participantes, não podemos concordar com Velloso, Santos e Anjos (1997), que afirmam existir desprezo pelas condições de trabalho desta atividade, embora isto

se possa relacionar com a data do estudo destes autores, já bastante antiga e numa linha temporal onde muitas inovações e melhorias foram acontecendo.

Questão de investigação 2: Que consequências comporta esta atividade, para estes trabalhadores?

Em resposta a esta questão podemos inferir do discurso dos participantes que esta atividade do trabalho comporta consequências a níveis de análise, nomeadamente ao nível da *segurança*, da *saúde*, das relações profissionais e da vida *familiar*.

Relativamente à primeira dimensão, todos os participantes evocaram a existência de acidentes de trabalho (sofridos ou que viram os colegas sofrer), algo também atestado por Edwards (2004) como uma grande vulnerabilidade a que estão expostos, embora referidos com alguma naturalidade. Especificando, quatro participantes indicaram como acidente **partir o pé** [*“Saiu do poleiro, ele não sabe como é que pôs o pé e partiu o pé em dois lados (O.T.)”*], algo que pode ser compreendido como Carrolo (2004) afirma, pela frequência de descida e subida do estribo e três evocaram **picadas com seringa** [*“Senti uma picadela, daquelas agulhas...entrou-me pela luva atravessou o dedo de um lado ao outro (S.R.)”*]. Já os **cortes com vidros** [*“...me cortei com vidros... tinha muito lixo no chão, com muitas folhas...tinha vidros por baixo... quando fui ver tinha a mão cheia de sangue (P.C.)”*], o **trilhar e ficar sem dedos** [*“Já tive colegas que ficaram sem dedos (O.T.)”*], o **pó nos olhos** [*“A gente despejou, tinha lá um pó não sei se era das... lâmpadas fluorescentes, não sei se era disso, encheu-me os olhos, as mãos, foi tudo. Ganhei uma alergia, tive que estar uma semana em casa (E.G.)”*], as **quedas** [*“E o camião deu uns saltos, e o poleiro bateu e fomos todos projetados para trás e rocei com o osso da canela nos ferros. E estava de galochas, mesmo assim. Aquilo ganhou uma crosta mas foi mal limpo, tiveram que cortar tudo para desinfetar de novo. Tive quase um mês em casa e por causa disso (S.R.)”*] e os **embates no camião** [*“Num cruzamento que levamos com uma carrinha que passou o semáforo vermelho e atirou-nos todos de cangalho...(O.T.)”*], foram afirmados por três participantes. Foram ainda assinalados outros acidentes, como **rotura de ligamentos** [*“E foi ao saltar da carrinha (...) Não sei como aconteceu pousei o pé mal, tive uma rotura de ligamentos no joelho logo (B.O.)”*], **partir a cabeça, dentes e nariz** [*“levou com um ferro na cabeça, levou trinta e sete pontos e partiu o nariz e partiu mais uns dentes (B.O.)”*], **levar com tampa na cabeça** [*“...um colega nosso ...levou com uma tampa ... na cabeça...tiveram a cosê-lo três horas na cabeça (O.T.)”*], **esmagamento de braço** [*“Colocou o braço na placa, o motorista não se percebeu, carregou*

no botão e esmagou-lhe o braço (S.R.)”], bater no Cantoneiro com o camião [“chegou a haver alguns acidentes (...) batiam com o camião no Cantoneiro de limpeza (A.C.)”] e rebentar tendão [“Rebentei um tendão do dedo a pegar num contentor, senti um choque pelo braço adiante (A.C.)]. Estes acidentes apontados por todos os participantes são advindos, em parte, dos riscos que correm na sua atividade (Lavoie et. al, 2004; Silveira, 2009; Pereira, 2013) e permite-nos compreender, através das situações concretas relatadas pelos participantes, o facto apontado por Miglioransa, Rosas, Perin, Ramos, Fossati e Stein (2013) de esta profissão de contacto com o lixo fazer dela uma das mais arriscadas e insalubres que existem.

Neste sentido, e pese embora o registo destas ocorrências de acidente sejam intrínsecas à atividade e às condições em que é exercida, é verdade também que algumas estratégias utilizadas pelos trabalhadores (uso de **truques**) na regulação da sua atividade também não são isentas de risco, na medida em que comportam igualmente custos para a *saúde*. Não obstante, outros efeitos do trabalho na saúde foram ainda elencados.

Primeiramente, é de referir que dois participantes assinalaram como doenças consequentes desta atividade as **gripes e constipações** [“Uma pessoa anda quase sempre constipada (B.O.)”] e um Cantoneiro falou de **calcificação óssea** [“Na altura não havia contentores, e tínhamos que levar as gamelas para o camião, ao ombro. E agora, tenho uma calcificação óssea que quero mexer o braço e não consigo (S.R.)”] e de ter ficado com os **Filamentos esmagados** [“(…)recentemente soube que tinha uma veia que ficou com os filamentos esmagados e tive que ser operado para tirar a veia. (S.R.)”], o que é corroborado por um estudo realizado recentemente no Reino Unido por Edwards (2014), chando a atenção para o facto de a vulnerabilidade a que estão expostos poder resultar não só em acidentes mas também em lesões reportadas ao trabalho.

Além disto, o discurso dos participantes fez-nos perceber que esta atividade também tem associada a si algumas **perceções de penosidade** pela sobrecarga e desgaste que exerce sobre estes profissionais [“Embora já esteja a dar alguns sinais de cansaço (...) A carga é um serviço...violento (S.R.)”], que, embora não esteja explícito pode ter uma relação direta com ritmos intensos de trabalho e o transporte de cargas pesadas (este bastante explícito no discurso dos participantes) (Carrolo, 2011).

Relativamente às relações familiares, tendo-se percebido, na análise do discurso dos participantes, que a sua relação com as **chefias** [“Nunca tive razão de queixa (...)dos chefes.

Eu precisando de alguma coisa eles dão, cedem (E.G.)” e **colegas** [*“É porreira, cinco estrelas! Pode aparecer assim um mais terrorista e tal, mas olha, é sempre uma borgia com eles. Uma pessoa pica-se e tal, mas é bom (risos). Não, tem que ser. Uma pessoa às horas que passa lá atrás tem que ser bem-disposto e tem que ir a falar, senão... pronto (P.C.).”*] é globalmente positiva, e sabendo que a qualidade das relações sociais no local de trabalho se afiguram como essenciais para a saúde mental dos trabalhadores (Rydsted, Stansfeld, Head & Woodley-Jones, 2012), acreditamos que este aspeto traduz uma mais valia significativa para o que é a prática profissional dos Cantoneiros entrevistados.

Ainda quanto a esta dimensão, é de frisar que, todos os Cantoneiros se reportaram às atitudes de outros cidadãos face à sua atividade, nomeadamente do ponto de vistado **reconhecimento** [*“Foi mais as vezes que reconheciam o nosso trabalho (A.C.)”*], ou da **falta dele** [*“...se valorizassem respeitavam mais (B.O.)”*], sendo esta desvalorização ou falta de reconhecimento por parte da sociedade algo que Costa (2004) também identifica no seu estudo, e por vezes até a comportamentos de **troça** (afirmada por três participantes) [*“Chamava-me Almeida¹, oh Almeida (S.R.)”*]. Sendo esta uma atividade que toma lugar no espaço público e traz anexada a si a convivência com outros cidadãos, acreditamos que a presença ou a falta do reconhecimento por parte de outros possa exercer impacto sobre o que é a sua vivência da atividade, embora segundo Costa (2004) os Cantoneiros possuam uma perceção da utilidade pública da sua profissão, sendo algo bastante patente nas suas passagens discursivas [*“E é assim o que me dá mais prazer no meu trabalho é olhar para as coisas e ver que muita gente não nos dá valor, e nós olhamos e dizemos assim “Tu não me dás valor, mas passas na rua e vês as coisas limpas” (B.O.)”*].

Debruçando-nos na última dimensão, todos os participantes evidenciam que esta atividade tem/teve **impacto** no domínio familiar [*“É complicado porque olhe, a mulher passa todas as noites sozinha, praticamente não é. Durante o dia tenho tempo para fazer tudo o que eu quiser, praticamente, durmo...(B.O.)”*], enquanto três outros referiram que a sua profissão **não tem impacto** [*“Não porque eu vim para a noite foi acordo entre mim e a minha esposa ...depois há as folgas e o fim-de-semana (E.G.)”*].

Por fim, como forma de tornar residuais os riscos intrínsecos a esta atividade denota-se, pelo discurso dos participantes **preocupações da entidade empregadora**, apontadas por cinco Cantoneiros [*“Dizem para nós termos cuidado (B.O.)”*], no entanto um afirma que: *“Que eu sinta assim perto ... não (O.T.)”* apesar de acreditar que *“Podem estar a trabalhar*

¹ Almeida é uma designação dada a varredor.

nisso (O.T.)”. Tendo também todos os participantes afirmado inclusive já ter recebido **formação** [*“Fizemos formação (A.C.)”*], e terem também consultas de **medicina no trabalho** [*“Temos e funciona até muito bem. Temos um médico. (S.R.)”*] estas preocupações, como já referido anteriormente, podem estar em consonância com a evolução das condições e instrumentos de trabalho, trazendo consigo também uma maior consciencialização por parte das empresas para questões como a segurança e saúde dos seus trabalhadores.

5. CONCLUSÕES

Propusemo-nos a analisar a atividade de trabalho de Cantoneiros, constituindo isto, em si mesmo, um contributo para a comunidade científica, atentando o estado da arte sobre o tema, que, embora se mostre amplamente estudado no que refere ao tratamento e quantidade produzida de resíduos, mostra bastante escassez de estudos relativamente a esta atividade em concreto, e nomeadamente em Portugal. Mais ainda, compreendemos esta pertinência do estudo também nos discursos dos participantes [*“Não há muita gente interessada nisto...foi interessante, relembrar, outra vez tudo que tinha feito (A.C.)”*], demonstrando a relevância empírica deste trabalho.

Realçando as principais conclusões emergentes do estudo desta atividade, é de realçar a ambivalência das perceções destes participantes em relação ao reconhecimento da sua profissão por outros cidadãos. Por um lado, esta conclusão vai de encontro a outro estudo que refere que esta é uma profissão pouco valorizada socialmente (Costa, 2004), introduzindo também a ideia de que pode estar a começar a existir uma maior consciencialização social para a utilidade pública da mesma. Algo que se mostrou bastante revoltante para estes participantes foi o comodismo que afirmam que os cidadãos ainda mantêm e que se traduz pelo facto de deixarem sacos ao lado do caixote ou à porta de casa, quando existem contentores específicos para este fim. Uma das grandes dimensões da análise do trabalho é a compreensão dos riscos associados ao seu exercício, em contexto real. Este estudo permitiu compreender os riscos a que estes trabalhadores estão expostos e as ações que têm em função deles, como a exposição a matérias inesperadas na recolha do lixo e a imprevisibilidade característica desta profissão – o risco não é, então, só o que se conhece e identifica, mas também o que pode surgir, no confronto com novas situações ou experiências de trabalho. É precisamente este conhecimento, inscrito na sua prática de trabalho, que lhes permite identificar os riscos, mesmo aqueles que não são facilmente observáveis. Não obstante, tendem a desvalorizar este conhecimento, as “maroscas”, como referiu um dos participantes, ou os truques que desenvolveram e que são facilitadores do seu trabalho.

De certa forma, estas “maroscas” e truques são formas de lidar com a penosidade do trabalho, que ficará graças a eles minimizada, mas que urge também conhecer, para poder intervir numa perspetiva de melhoria das suas condições de trabalho. Sabendo que

poderão existir diferenças nas condições de trabalho entre setor público e privado, consideramos como uma possível limitação deste estudo não ter contemplado esta dimensão na exploração da análise do trabalho. Poderíamos também ter contemplado apenas participantes que sejam Cantoneiros na atualidade para uma maior homogeneidade de experiências. Estas limitações refletem sugestões para estudos futuros. Outra sugestão, mais ligada à intervenção concreta nesta atividade é respeitante à distribuição dos percursos de recolha dos resíduos, sendo que sugerimos uma análise, em função do trajeto atribuído, com a finalidade de conceber um plano de distribuição do trabalho mais homogéneo entre todos os percursos de recolha, tendo em consideração não só as distâncias dos percursos, mas as condições do terreno que podem ser encontradas em cada um deles.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

Alhaique, D. (2014). Working the bins in Italy. *ETUI's HesaMag*, 9, 22-25.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.

Barros-Duarte, C., Cunha, L., & Lacomblez, M. (2007). INSAT: uma proposta metodológica para análise dos efeitos das condições de trabalho sobre a saúde. *Laboreal*, 3(2), 54-62.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Borges, M. (2004). Trabalho e gestão de si – para além dos recursos humanos. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 7, 41-49.

Brandão, C., & Miguez, J. (2015). Using NVivo to evaluate a program of goal corrected empathic attunement skills: a case study in the context of higher education. in Correia, A. M., Rocha, A., Reis, L.P., & Constanzo, S. *New contributions in information systems and technologies*, 2,223-233

Carrolo, A. (2011). *Lesões Músculo-esqueléticas Ligadas ao Trabalho (LMELT) nos Cantoneiros de Limpeza/Recolha de Resíduos Urbanos*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Costa, F. (2004). *Homens invisíveis*. Ciências sociais: Globo.

Cruz, M. (2005). *A caracterização de resíduos sólidos no âmbito da sua gestão integrada*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Minho, Portugal.

- Cunha, L., Nogueira, S. & Castelhana, J. (2013). *Usos diferenciados do INSAT: das exigências do terreno à emergência de novas possibilidades de ação*. Porto, Portugal: Centro de Psicologia da Universidade do Porto e Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, Rua Diogo Botelho.
- Danielou, F., Simard, M., & Boissières, I. (2011). *Les Cahiers de la Sécurité Industrielle*. France: Institut pour une Culture de Sécurité Industrielle.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). *The Sage Handbook of Qualitative Research* (3ª Edição). London: Sage Publications, Inc.
- Di Chiazza, S. (2011). *Primeiras abordagens a uma fenomenologia do limpo e do sujo. Objetos, práticas e experiências entre passado e atualidade*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Edwards, R. (2014). The fatal dangers of working in the recycling industry. *ETUI's HesaMag*, 9,17-21.
- ERSAR. (2013). *A regulação como instrumento para a melhoria da eficiência e da eficácia nos serviços públicos de águas e resíduos*. Perspetivas de futuro do setor dos resíduos em Portugal.
- Falzon, P., & Teiger, C. (1995). Construire l'activité. *Performances Humaines et Techniques*, 34-40.
- Ferreira, J., & Anjos, L. (2011). Aspetos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(3).
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor
- Fossá, M., & Saad, D. (2006, Outubro). *As representações sociais construídas pelos catadores de materiais recicláveis*. Comunicação apresentada no XXVI ENEGEP em Fortaleza, Brasil.

Guerin, F., Laville, A., Daniellou, F., Duraffourg, J., & Kerguelen, A. (1991). *Comprendre le travail pour le transformer. La pratique de l'ergonomie*. Montrouge: Editions ANACT.

Gomes, C. (2008). Estudo do comportamento de aterros de resíduos. Caracterização física, bioquímica e mecânica dos resíduos sólidos urbanos. (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Instituto Nacional de Estatística (2010). *Classificação Portuguesa das Profissões*. IP: Lisboa.

Kuijer, P. (2005). Effect of job rotation on need for recovery, musculoskeletal complaints, and sick leave due to musculoskeletal complaints: a prospective study among dutch refuse collectors. *American Journal of Industrial Medicine*, 47(5), 394-402.

Lacomblez, M., Santos, M. e Vasconcelos, R. (1999). A contribuição da psicologia do trabalho num projeto de melhoria das condições de desempenho da atividade profissional. *IV Simpósio sobre comportamento organizacional*. Coimbra: Associação Portuguesa de Psicologia.

Lavoie, J., Bourdouxhe, M., & Guertin, S. (2004). Étude des agents biologiques et des contraintes ergonomiques lors de l'utilisation de camions avec bras assisté pour la collecte des ordures domestiques. *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé*, 6(1), 1-22.

Migloransa, H. M., Rosal, L. C., Perin, C., Ramos, G. Z., Fossati, G. F. & Stein, A. (2003). Estudo epidemiológico dos coletores de lixo seletivo. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional* 28,107-108.

Merlo, A. R. C. (2002). Psicodinâmica do trabalho. In M. G. Jacques, & W. Codo (Orgs). *Saúde Mental & trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes.

- Moresi, E. (2003). *Metodologia da Pesquisa*. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. Universidade Católica de Brasília, Brasília, Brasil.
- Nogueira-Martins, M., & Bógus, C. (2004). Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Sáude e Sociedade*, 13(3),44-57.
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.
- Pereira, A. P. (2013). *Capacidade de Trabalho e Fatores Psicossociais do Sector de Higiene Pública com e sem Acidentes de Trabalho*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Plano Estratégico para os Resíduos Sólidos Urbanos 2020. (2014, Fevereiro). *Uma fonte renovável de recursos*. Proposta de plano – auscultação das entidades envolvidas.
- Pinho, L. & Neves, E. (2010). Acidentes de trabalho em uma empresa de coleta de lixo urbano. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 18(2), 243-251.
- Rydsted, L., Stansfeld, S., Head, J., & Woodley-Jones, D. (2012). Quality of workplace social relationships and perceived health. *Psychological reports* 110 (3), 781-790. Doi: <http://dx.doi.org/10.2466/01.13.21.PR0.110.3.781-790>
- Sampieri, H. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3ª Edição). São Paulo: McGraw-Hill.
- Santos, T. L. F. (1999). *Coletores do lixo: ambiguidade do trabalho de rua*. Ministério do Trabalho: Fundacentro.
- Serranheira, F., Uva, A. & Espírito-Santo, J. (2009). Estratégia de avaliação do risco de lesões músculo-esqueléticas de membros superiores ligadas ao trabalho aplicada na

- indústria de abate e desmancha de carne em Portugal. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 34(119), 58-66.
- Silveira, G. (2009). Indicadores infecciosos e inflamatórios entre trabalhadores da limpeza urbana em São Paulo. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 34(120), 106-114.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research*. London: Sage Publications
- Teixeira, E. B. (2003). A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em questão*, 1(2), 177-201.
- Temporini, A. (1995). Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, 29(4), 318-325.
- Trotta, P. (2011,). *A gestão de resíduos sólidos urbanos em Portugal*. Comunicação apresentada no Congresso Nacional de Excelência em Gestão VII, em Rio de Janeiro, Brasil.
- Velloso, M. (2008). Os restos na história: percepções sobre resíduos. *Ciências & Saúde Coletiva*, 16(6), 1953-1964.
- Velloso, M., Santos, E., & Anjos, L. (1997). Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 13(4), 693-700.

ANEXOS

Anexo 1



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Consentimento Informado

*“Um trabalho de lixo?
Análise da atividade de Cantoneiros de limpeza em Portugal”*

Este estudo enquadra-se no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos, que será apresentada na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa - Porto, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pela aluna Joana Santos Ribeiro.

Tendo em vista um melhor conhecimento da atividade real de trabalho dos Cantoneiros de Limpeza, solicita-se a sua participação numa entrevista com duração aproximada de 1h00.

Após a análise e tratamento dos dados, os resultados obtidos serão alvo de restituição junto dos participantes envolvidos nesta pesquisa.

Caso recuse participar, tal decisão não lhe trará quaisquer benefícios ou prejuízos.

Este trabalho de investigação será desenvolvido sob a orientação da Professora Doutora Liliana Cunha e da Professora Doutora Joana Fernandes, docentes respetivamente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Toda a informação recolhida será mantida sob anonimato e confidencialidade.

Obrigada pela sua colaboração.

Para mais esclarecimentos, por favor, contactar: xxxxxxxx

“Declaro que tomei conhecimento dos objetivos do estudo. Fui informado/a de todos os aspetos que considero importantes e tive a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas sobre a investigação. Participo de forma voluntária e fui informado/a de que a minha participação, ou recusa em participar, não traria quaisquer benefícios ou prejuízos para mim.”

Participante

Assinatura _____

Data ____/____/____

Anexo 2

Sistema de Categorias

1. Evolução da atividade

1.1 Condições e Instrumentos de trabalho

2. Condições de trabalho e emprego

2.1 Percurso profissional

2.2 Estatuto na empresa

2.2.1 Recolha de contentores

2.2.2 Outras tarefas

2.3 Segurança e Saúde

2.3.1 Medicina no trabalho

2.3.2 Preocupações da entidade empregadora

2.4 Formação

2.5 Fardamento

2.5.1 Bom fardamento

2.5.2 Mau fardamento

2.6 Tempos de Espera para sair

2.7 Diminuição das regalias

2.8 Trabalho noturno

3. Atividade de trabalho concreta

3.1 Voltas

3.1.1 Distribuição das voltas

3.1.2 Especificidades

3.1.3 Comandos

3.2 Pontos críticos

3.2.1 Alguns Bairros

3.3 Facilitadores

3.3.1 Truques

3.3.2 Estratégias

3.3.3 Vocabulário técnico

3.4 Constrangimentos

- 3.4.1 Carros mal estacionados
- 3.4.2 Animais
- 3.4.3 Roubos de lixo
- 3.4.4 Cheiros
- 3.4.5 Condições climatéricas
- 3.4.6 Comodismo dos cidadãos
- 3.4.7 Quedas de contentores
- 3.4.8 Avarias
- 3.4.9 Excesso de lixo
- 3.4.10 Culpabilização do camião pelos carros riscados
- 3.4.11 Não apontados como constrangimentos

3.5 Riscos

- 3.5.1 Saltos do poleiro
- 3.5.2 Matérias perigosas
- 3.5.3 Descuidos do motorista
- 3.5.4 Peso dos caixotes e sacos
- 3.5.5 Atropelamento
- 3.5.6 Manuseamento e descarga de caixotes
- 3.5.7 Embate no camião
- 3.5.8 Trilhar mãos
- 3.5.9 Exposição a pó
- 3.5.10 Andar no camião

4. Trabalhar com o lixo

- 4.1 Achados
- 4.2 Imprevisibilidade
- 4.3 Perceção da atividade
 - 4.3.1 Perceção de um trabalho bem feito
 - 4.3.2 Perceção negativa da atividade
 - 4.3.3 Perceção positiva da atividade
 - 4.3.4 Assumir outras tarefas

5. Efeitos da atividade

- 5.1 Acidentes
 - 5.1.1 Bater no Cantoneiro com o camião
 - 5.1.2 Rebentar tendão

- 5.1.3 Partir pé
- 5.1.4 Rotura de ligamentos
- 5.1.5 Picar com seringa
- 5.1.6 Cortar-se com vidro
- 5.1.7 Partir a cabeça, dentes e nariz
- 5.1.8 Trilhar dedos
- 5.1.9 Pó nos olhos
- 5.1.10 Levar com tampa na cabeça
- 5.1.11 Esmagar braço
- 5.1.12 Quedas
- 5.1.13 Embate no camião
- 5.2 Doenças
 - 5.2.1 Gripes e constipações
 - 5.2.2 Classificação óssea
 - 5.2.3 Filamentos esmagados
- 5.3 Relação familiar
 - 5.3.1 Impacto
 - 5.3.2 Não tem impacto
- 5.4 Relações no trabalho
 - 5.4.1 Chefias
 - 5.4.2 Colegas
 - 5.4.3 Relação com os cidadãos
 - 5.4.3.1 Atitude
 - 5.4.3.1.1 Reconhecimento
 - 5.4.3.1.2 Falta de reconhecimento
- 5.5 Favores
- 5.6 Histórias de vida
- 5.7 Troça
- 5.8 Penosidade
 - 5.8.1 Perceções de penosidade
 - 5.8.2 Trabalhar até à reforma
- 5.9 Gosto pela atividade
- 5.10 Danos materiais

Anexo 3

Sistema de Categorias					
1. Evolução da Atividade					
Código	Denominação	Descrição	Excertos exemplificativos	Nº Fontes	Nº Referências
1.1	Condições e instrumentos de trabalho	Encontram-se aqui todas as referências à evolução das condições e instrumentos de trabalho dos Cantoneiros desde o passado até ao momento presente.	<i>“Sim...os camiões agora já estão melhores. Estão a ficar melhores e cada vez estão a melhorar mais, no sentido de nós podermos ter mais conforto a trabalhar, mesmo em cima do camião, ou ir despejar o camião já podermos estar dentro da cabine com o motorista, com tudo fechado, já não estamos sujeitos a esses fumos tóxicos, por causa do lixo fermentar. É assim, nesses camiões novos já temos melhores condições. Nos antigos, ainda não.” (B.O.)</i>	5	42
2. Condições de Trabalho e Emprego		Aqui, são categorizadas todas as referências relativas às condições de trabalho e emprego dos Cantoneiros, nomeadamente profissões passadas, chegada até à atividade de Cantoneiro, tarefas atuais bem como fatores ao nível de condições de emprego			

		atuais, formações, tempos de espera a que estão sujeitos antes de sair do trabalho e ainda questões de segurança e saúde.			
2.1.	Percurso Profissional	Encontram-se aqui as referências a todas as profissões passadas dos Cantoneiros e início da desta atividade.	<i>“Só que...não era o que eu gostava de fazer e então quando me disseram que iam abrir os concursos...eu...é uma boa ideia, é uma porta que se abre, depois lá dentro uma pessoa concorre para outros lados, até chegar à área que prefere...”</i> (A.C.)	6	38
2.2	Estatuto na Empresa	Pode encontrar-se aqui o estatuto que assumem na empresa, tanto a nível da recolha dos contentores como ao nível de outras tarefas que podem assumi (reserva) .			
2.2.1	Recolha de Contentores	Aqui encontram-se todas as referências ao trabalho de recolha de contentores.	<i>“É melhor que a lavagem dos contentores, é mais mexido.”</i> (E.G.)	5	11
2.2.2	Outras tarefas	Aqui encontram-se todas as referências ao nível de outras tarefas que assumem (não a recolha do lixo nos camiões e/ou volta certa).	<i>“Durante essa altura, andei cerca de 4 meses. Andava no camião e conduzia...aquelas...aquelas máquinas de lavar as ruas.”</i> (S.R.)	4	14

2.3	Segurança e Saúde	Categorizam-se aqui as referências às questões de segurança e saúde no trabalho, nomeadamente medicina do trabalho, preocupações da entidade empregadora e ainda ao ter mais que um emprego.			
2.3.1	Medicina no Trabalho	Aqui encontram-se todas as referências às questões da medicina no trabalho desde o início da atividade de Cantoneiro.	<i>“E eu desde que ando no camião já fui lá duas vezes. Já fui chamado duas vezes.” (O.T.)</i>	6	8
2.3.2	Preocupações da entidade Empregadora	Podem encontrar-se aqui todas as referências às preocupações que os Cantoneiros sentem, ou falta delas, por parte da sua entidade empregadora, estas preocupações podem ser a vários níveis, como por exemplo, relativamente ao conforto proporcionado ou até a troca de palavras que mostram preocupação.	<i>“Só que aquilo ali prontos, a gente tem uma vantagem, hum, acabamos a primeira carga, podemos ir lá dentro, o motorista deixa-nos lá dentro e a gente pode mudar de roupa.” (O.T.)</i>	6	13
2.4	Formação	Podem encontrar-se aqui todas as referências à formação que tiveram desde o início da atividade de Cantoneiro.	<i>“A formação que a gente tem é os... Por exemplo chegar ali ao camião, saber onde por os pés, porque de resto a gente vai aprendendo.” (E.G.)</i>	6	22

2.5	Fardamento				
2.5.1	Bom fardamento	Aqui encontram-se todas as referências positivas ao nível das fardas de trabalho.	<i>“Não, não tenho razão de queixa, não acho que seja por aí. A nível de fardamento não acho que exista assim problema nenhum.” (S.R.)</i>	3	11
2.5.2	Mau fardamento	Aqui encontram-se todas as referências positivas ao nível das fardas de trabalho.	<i>“Eu andava, se eu quisesse andar com aquelas botas, tinha que andar com os pés no chão. Porque desapareceu completamente...a borracha começou a sair, a sair.. “ (B.O.)</i>	3	14
2.6	Tempos de espera para sair do	Podem encontrar-se aqui todas as referências aos tempos de espera, ou não, a que estão sujeitos	<i>“Antigamente a gente acabava... Pegava às oito e meia, se a gente acabássemos à uma ou às duas, íamos embora. E agora não, agora mesmo que</i>	5	13

	Trabalho	antes de sair do trabalho.	<i>acabemos, só podemos entrar a partir das três, três e meia. “ (E.G.)</i>		
2.7	Diminuição de Regalias	Aqui categorizam-se todas as referências que os Cantoneiros apontam ao nível da diminuição de regalias.	<i>“Devia voltar o subsídio de Insalubridade, Penosidade e Risco. “ (S.R.)</i>	4	6
2.8	Trabalho Noturno	Aqui encontram-se todas as referências respeitantes ao trabalho noturno, sensações e sentimentos sobre trabalhar de noite.	<i>“Sim é como eu disse, já trabalhei de dia e de noite e prefiro a noite. Até reformado hei-de viver na noite (risos).” (S.R.)</i>	6	9
3. Atividade de Trabalho Concreta		Categorizam-se aqui todas referências à atividade concreta de trabalho dos Cantoneiros, às voltas, pontos críticos com os quais se deparam, facilitadores que encontram para realizar melhor (no seu entendimento) o trabalho, referência a um bom trabalho, aos riscos, ao trabalho noturno e ainda aos constrangimentos que encontram.			

3.1	Voltas	Categoria de segunda ordem que descreve os percursos de recolha dos resíduos.			
3.1.1	Distribuição das voltas	Aqui podem encontrar-se todas as referências à distribuição das voltas.	<i>“...há quem ache que a cidade seja grande mas para o número de funcionários que tem, eu acho que ela é demasiado grande para o número de funcionários que tem, o que acontecia era que os camiões tinham de fazer muitas ruas...” (A.C.)</i>	6	27
3.1.2	Especificidades	Encontram-se aqui todas as referências às especificidades que as voltas podem abarcar.	<i>“... E são os mais porcos. Está a porcaria dos cães e tudo na rua...Fogo, nunca vi ruas assim como ali, nos dias de chuva a apanharem com jornal e em vez de meterem no contentor ou assim, não! Pegam aquilo no jornal embrulhado e metem lá num canto. Quer dizer, a chover, molha o jornal todo. A gente vai para apanhar e não consegue apanhar. Desfaz-se tudo, é uma porcaria ali. Fogo” (E.G.)</i>	5	17
3.1.3	Comandos	Encontram-se aqui todas as referências ao trabalho nos comandos ou seja, trabalho nos botões que permitem elevar e descer o caixote ,	<i>“Eu nunca funcionava propriamente com as alavancas do levantamento dos contentores, normalmente esse lugar ficava encarregue a quem</i>	3	5

		no momento da descarga.	<i>estivesse há mais tempo na, nós chamávamos de voltas ou naquela viatura que fizesse aquelas ruas.”</i> (A.C.)		
3.2	Pontos Críticos	Encontram-se aqui todas as referências aos pontos críticos com que os Cantoneiros se deparam nas suas voltas de trabalho.			
3.2.1	Alguns Bairros	Aqui encontram-se todas referências a alguns bairros que os Cantoneiros assumem como um ponto crítico de acordo com o que lá podem encontrar.	<i>“...mas houve uma vez que chegaram a ter que entrar de escolta policial, porque dava-lhes na cabeça que tinham que atirar com pedras. Nós temos que ter muito cuidado, principalmente nos bairros...”</i> (P.C.)	2	7
3.3	Facilitadores	Categorizam-se aqui as referências aos facilitadores que os Cantoneiros assumem encontrar para uma melhor e mais eficaz realização do seu trabalho.			
3.3.1	Truques	Aqui serão consideradas as referências a todos os truques, ou seja, maneiras hábeis que os Cantoneiros usam porque consideram que facilita o seu trabalho e assim traz-lhes vantagem.	<i>“A nossa cabeça já pensa assim, começamos a ver “já consigo descer a esta velocidade bem”.”</i> (B.O.)	6	27

3.3.2	Estratégias	Aqui encontram-se todas as referências às estratégias que os Cantoneiros encontram para realizarem melhor o seu trabalho, evitando os perigos ao máximo.	<i>“...maneira de puxar contentores, de arrumar o contentor, aqueles jeitos que a gente dá às vezes quando se vira o contentor, encosto sempre ao braço, é só dar uma puxadela e ele vira sozinho praticamente. É assim essas coisas. “ (E.G.)</i>	3	5
3.3.3	Vocabulário Técnico	Aqui encontram-se todas as referências ao vocabulário técnico que os Cantoneiros usam e que pode facilitar o seu trabalho, seja vocabulário institucional ou vocabulário adotado pelos mesmos.	<i>“Mais nomes técnicos... não me estou a lembrar de mais... poleiro...” (P.C.)</i>	5	10
3.4	Constrangimentos	Têm lugar aqui todas as referências aos constrangimentos com os quais os Cantoneiros se deparam na sua atividade.			
3.4.1	Excesso de Lixo	Aqui podem encontrar-se todas as referências ao excesso de lixo que em algumas circunstâncias os Cantoneiros podem encontrar.	<i>“... Excesso de lixo, às vezes há dias que nós chamamos feiras. Nunca ouviste falar? As chamadas feiras, onde tens o contentor e, à volta do contentor, está tudo cheio de lixo. Nós isso chamamos as feiras, e então no natal e ano novo... nós perdemos muito tempo nas feiras. “ (P.C.)</i>	5	13
3.4.2	Avárias	Aqui surgem as referências às avarias que podem acontecer, ou acontecem, no camião	<i>“...houve uma avaria ou lá o que foi, nós tivemos que ir ajudar e era preciso mais carros para</i>	2	3

		durante o trabalho dos Cantoneiros.	<i>ajudar.” (P.C.)</i>		
3.4.3	Quedas de contentores	Encontram-se aqui todas as referências ao cair dos contentores no camião no momento da descarga.	<i>“Mesmo que o contentor... Já me aconteceu uma vez, o contentor a cair dentro do camião, que às vezes desengata e cai lá dentro, e a gente tem que o tirar fora. E tem que ser à mão.” (E.G.)</i>	3	3
3.4.4	Culpabilização do camião pelos carros riscados.	Surgem aqui todas as referências a carros riscados cujos condutores culpabilizam o camião do lixo por tal.	<i>“Pois. Ainda esta semana tivemos aqui uma mulher que veio fazer a prova, a ver se tinha sido um camião novo que tinha dado um toque no carro dela.” (E.G.)</i>	1	3
3.4.5	Comodismo dos Cidadãos	Aqui encontram-se as referências respeitantes a comodismo por parte dos cidadãos.	<i>“Muita coisa... As pessoas não fazem noção do que é a gente andar de noite a trabalhar, a limpar a cidade, porque, por exemplo, há pessoas que, por exemplo, têm o contentor, às vezes o contentor vazio e não se dão ao trabalho de abrir a tampa...” (O.T.)</i>	6	21
3.4.6	Condições climatéricas	Podem encontrar-se aqui todas as referências às condições climatéricas a que os Cantoneiros estão sujeitos na sua atividade.	<i>“Chuva, eu odeio a chuva...” (P.C.)</i>	6	14
3.4.7	Cheiros	Aqui encontram-se todas as situações concretas de deparo com cheiros incomodativos.	<i>“Mas assim junto a restaurantes, cafés... É os piores.” (E.G.)</i>	5	8

3.4.8	Roubos de lixo	Surgem aqui todas as referências a cidadãos a vasculhar o lixo no decorrer da atividade dos Cantoneiros.	<i>“Eu ainda há pouco cheguei ao contentor e estava lá um casal, que vê-se muita gente à noite, carrinhas e mesmo a pé, a vasculhar os contentores, à procura de coisas, não é. Sucatas e essas coisas todas. Então ali tinha três contentores, e tinha uma carripana deles, a estorvar para despejar. Mas logo à frente, a gente tem mais dois contentores, e temos que lá ir e voltar atrás. Então eu cheguei ali à beira do homem e disse “Olhe o senhor vai demorar muito?”, “Ai, ainda um bocadinho”. E eu disse-lhe a ele “Então deixe estar que a gente vai lá em cima, despeja aqueles dois e vem, e depois ao para cá temos que despejar esses, para não ficar aqui este tempo a espera”” (E.G.)</i>	2	8
3.4.9	Carros mal estacionados	Aqui podem-se encontrar todas as referências a carros mal estacionados ao longo dos percursos de recolha do lixo.	<i>“Por exemplo, é isso e ter aqui o equipamento, temos aqui o equipamento e põe-se aqui os carros... A gente como é que vai tirar?” (O.T.)</i>	5	12
3.4.10	Animais	Encontram-se aqui todas as referências a animais encontrados mortos, vivos ou a partes de animais.	<i>“Mas as pessoas votam gatos mortos, cães mortos, botam tudo. As pessoas, é o que eu digo, não têm noção...” (B.O.)</i>	3	11

3.4.11	Não apontados como constrangimentos	Encontram-se aqui todas as referências a fatores desta atividade que os Cantoneiros sentem como fatores que não lhes causam qualquer transtorno.	<i>“Não incomoda nada o ruído” (S.R.)</i>	6	15
--------	-------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	---	----

3.5	Riscos	Categorizam-se aqui todos os riscos a que os Cantoneiros afirmam estar sujeitos na sua atividade de trabalho.			
3.5.1	Embate no camião	Aqui encontram-se as referências a riscos de embate no/do camião noutros veículos.	<i>“E também as pessoas, às vezes é por distração delas. Já temos um caso de um carro que bateu num camião atrás.” (E.G.)</i>	1	1
3.5.2	Saltos do Poleiro	Podem encontrar-se aqui todas as referências aos riscos decorrentes de saltos do poleiro com o camião em andamento.	<i>“...as quedas, se montar ao cavaleiro tenho de ter cuidado com as curvas...” (P.C.)</i>	6	18
3.5.3	Matérias Perigosas	Encontram-se aqui todas as referências ao risco de contacto com matérias perigosas com que se podem deparar.	<i>“...as pessoas votam fora tudo que não presta, praticamente. Porque o lixo é o que não se presta em casa. E votam garrações por exemplo com óleo, com ácidos.” (B.O.)</i>	5	16
3.5.4	Descuidos do motorista	Aqui encontram-se todas as referências ao risco de atenção e condução do motorista.	<i>“Eu por norma a descer um passeio ou uma rampa, eu salto sempre abaixo do camião, sempre! O motorista pode ser muito bom, mas nunca confio,</i>	5	17

			<i>salto sempre, prefiro, desço sempre abaixo, eles dizem que não é preciso, não é preciso, não! Prefiro descer.” (E.G.)</i>		
3.5.5	Peso dos caixotes e sacos	Encontram-se aqui todas as referências ao risco do peso dos caixotes e dos sacos que podem encontrar.	<i>“É assim, o mais complicado é quando temos que pegar em sacos pesados.” (B.O.)</i>	5	9
3.5.6	Atropelamento	Encontram-se aqui todas as referências a risco de atropelamento.	<i>“A gente ao saltar do caminhão, temos sacas para apanhar. Por norma não há carros em que tem que atravessar de um lado para o outro na estrada. “ (E.G.)</i>	2	2
3.5.7	Manuseamento e descarga dos caixotes	Aqui encontram-se todas as referências a riscos que podem correr no manuseamento dos caixotes.	<i>“...uma pessoa está a virar um contentor uma pessoa nunca imagina o que está lá dentro. “ (B.O.)</i>	3	4
3.5.8	Trilhar mãos	Aqui encontram-se todas as referências sobre riscos de trilhamento de dedos que podem correr.	<i>“Dispõe de alguns, como trancar as mãos. Já levei tanta trancadela.” (P.C.)</i>	2	2

3.5.9	Andar no camião	Aqui categorizam-se todas as referências ao risco de andar no camião, por si só.	<i>“Não se magoar. Acima de tudo. Isso é que é o mais complicado. Magoa-se naquele serviço, acima de tudo nos camiões. Magoa-se com uma facilidade enorme. Muito, sem se aperceber.” (B.O.)</i>	1	3
3.5.10	Exposição a pó	Aqui encontram-se todas as referências ao risco de exposição a pó.	<i>“Às vezes a gente inala pó... Há muito pó, por exemplo, que a gente vira pó de serrim, pó de obras... é, sei lá...” (O.T.)</i>	1	1
3.5	Riscos				
3.5.1	Embate no camião	Aqui encontram-se as referências a riscos de embate no/do camião noutros veículos.	<i>“E também as pessoas, às vezes é por distração delas. Já temos um caso de um carro que bateu num camião atrás.” (E.G.)</i>	1	1
3.5.2	Saltos do Poleiro	Podem encontrar-se aqui todas as referências aos riscos de saltos do poleiro com o camião em andamento.	<i>“O andar a saltar do camião, a longo prazo, também vai afetando... (E.G.)”</i>	6	18
3.5.3	Matérias Perigosas	Encontram-se aqui todas as referências ao risco de contacto com matérias perigosas com que se	<i>“E botam garrações por exemplo com óleo, com</i>	5	16

		podem deparar.	<i>ácidos.” (B.O.)</i>		
3.5.4	Descuidos do motorista	Aqui encontram-se todas as referências ao risco de atenção e condução do motorista.	<i>“(…) o motorista quando não tem obstáculos é sempre a andar, mas há ruas que a gente passa duas vezes de cada lado (...) temos que ir nós à frente ajudá-lo a fazer a manobra, também a estacionar não têm noção que o caminhão vai passar ali...O.T.”</i>	5	17
3.5.5	Peso dos caixotes e sacos	Encontram-se aqui todas as referências ao risco do peso dos caixotes e dos sacos que podem encontrar.	<i>“situações (...) nessa alturas, quando os sacos eram muito pesados (A.C.)”</i>	5	9
3.5.6	Atropelamento	Encontram-se aqui todas as referências a risco de atropelamento.	<i>“A gente ao saltar do caminhão, temos sacas para apanhar. Por norma não há carros em que tem que atravessar de um lado para o outro na estrada. “ (E.G.)</i>	2	2
3.5.7	Manuseamento e descarga dos caixotes	Aqui encontram-se todas as referências a riscos que podem correr no manuseamento dos caixotes.	<i>“Queda de objetos, tipo nos moloques. Ao despejar o saco, pode ficar alguma coisa lá em cima presa e a gente ao puxar a corda temos que prender aquilo e pode cair alguma coisa em cima (E.G.)”</i>	3	4

3.5.8	Trilhar mãos	Aqui encontram-se todas as referências de todos os riscos de trilhagem de dedos que podem correr.	<i>“Porque o camião tem uns ganchos atrás que é para pegar nas asas do contentor e levanta-lo, às vezes o colega podia estar não tão concentrado e nós ainda estarmos a agarrar na asa e ele a levar os ganchos e trilhar os dedos ou a mão (A.C.)”</i>	2	2
3.5.9	Andar no camião	Aqui categorizam-se todas as referências ao risco de andar no camião, por si só.	<i>“O risco maior de nos magoarmos e termos acidentes de trabalho, acima de tudo, é nos camiões (B.O.)”</i>	1	3
3.5.10	Exposição a pó	Aqui encontram-se todas as referências ao risco de exposição a pó.	<i>“Às vezes a gente inala pó... Há muito pó, por exemplo, que a gente vira pó de serrim, pó de obras... é, sei lá...” (O.T.)</i>	1	1
4. Trabalhar com o lixo		Categorizam-se aqui todas as referências relativas ao trabalho com o lixo, sendo consideradas as perceções destes trabalhadores acerca da sua atividade, de utilidades que encontram, da imprevisibilidade a que estão sujeitos, das relações com os cidadãos e respetiva perceção de reconhecimento, ou não, da sua atividade, dos favores que acabam por fazer a pessoas/empresas e ainda as histórias de vida de outros com quem se deparam no seu quotidiano de trabalho.			
4.1	Achados	Encontram-se aqui todas as utilidades que os Cantoneiros encontram no lixo.	<i>“Telemóveis, dinheiro, pulseiras em prata... (S.R.)”.</i>	6	23

4.2	Imprevisibilidade	Aqui podem encontrar-se todas as referências a situações de imprevisibilidade com que se deparam no decurso da sua atividade.	<i>“Uma situação perto de Z, rapei um bocado de lixo e era peles de cão, só pele e cabeça, prova que alguém comeu cão em vez de carneiro, e mais do que um (S.R.)”</i>	4	6
4.3	Perceção da atividade	Encontram-se aqui todas as perceções dos Cantoneiros relativamente à sua atividade de trabalho.			
4.3.1	Perceção de um trabalho bem feito	Podem encontrar-se aqui todas as referências ao que os Cantoneiros reconhecem como um trabalho bem feito.	<i>“Um trabalho bem feito é... Primeiro de tudo é chegar a casa de cabeça tranquila, consciência tranquila, deitar-me sem problemas, porque há muita gente que chega a casa e pensam “aquilo ficou por fazer”... e então pronto.” (P.C.)</i>	6	42
4.3.2	Perceção negativa da atividade	Aqui encontram-se todas as referências ao que os Cantoneiros percecionam como negativo na sua atividade.	<i>“Porque dizem que trabalhar no lixo é feio, não tem aquele estatuto.” (B.O.)</i>	4	14
4.3.3	Perceção positiva da atividade	Encontram-se aqui todas as referências ao que os Cantoneiros percecionam como positivo na sua atividade.	<i>“Tem muito impacto, se não houvesse a recolha do lixo, (...) notava-se claramente.” (A.C.)</i>	6	18

4.3.4	Assumir outras tarefas	Aqui categorizam-se todas as referências à vontade, ou não, de assumir outras tarefas.	<i>“Todos nós nunca pensamos ficar parados e acima de tudo, dentro do nosso setor de trabalho, pararmos no tempo, não é.” (B.O.)</i>	6	9
5. Efeitos da Atividade		Categorizam-se aqui todas as referências a efeitos da atividade dos Cantoneiros ao nível dos acidentes, penosidade da atividade, doenças, gozo, gosto pela atividade, relação familiar, relações de trabalho e danos materiais.			
5.1	Acidentes	Encontram-se aqui todas as referências relativas a acidentes de trabalho que os Cantoneiros sofreram ou relativas a acidentes que viram colegas de trabalho sofrer.			
5.1.1	Bater no Cantoneiro com o camião	Categorizam-se aqui todas as referências relativas a acidentes em que o camião bateu/esmagou Cantoneiro/s.	<i>“Então se o motorista continuasse a fazer marcha atrás, era complicado, chegou a haver alguns acidentes, nesse caso em que, ou batiam com o camião no Cantoneiro de limpeza então aí tinha que haver mais um bocado de experiência.” (A.C.)</i>	1	1
5.1.2	Rebentar Tendão	Categorizam-se aqui todas as referências relativas ao rebentamento de tendão/tendões.	<i>“Sim. Rebentei um tendão do dedo a pegar num contentor, senti um choque pelo braço adiante mas tive como quando batemos com o cotovelo, aqueles choques elétricos e eu senti mas não se passa nada. Cheguei ao final da noite e tinha o dedo assim, ele</i>	1	1

			<i>nem esticava. “ (A.C.)</i>		
5.1.3	Partir pé	Aqui categorizam-se todas as referências relativas a pés partidos.	<i>“Tem que levantar a suspensão, já aconteceu, tive um colega meu que partiu o pé e já está em casa, já vai há vontade perto de meio ano.” (E.G.)</i>	4	4
5.1.4	Rotura de ligamentos	Aqui são categorizadas todas as referências referentes a rotura/s de ligamentos.	<i>“E foi ao saltar da carrinha ... Não sei como aconteceu pousei o pé mal, tive uma rotura de ligamentos no joelho logo. Uma coisa simples, que parece normal, era uma coisa que eu faço no dia-a-dia e ainda agora o faço...” (B.O.)</i>	1	1
5.1.5	Picar com seringa	Podem encontrar-se aqui todas as referências a picadas com seringas.	<i>“...já espetei uma seringa num dedo.” (O.T.)</i>	3	4
5.1.6	Cortar-se com vidro	Podem encontrar-se aqui todas as referências a cortes com vidro/vidros.	<i>“Ainda há pouco tempo um colega nosso cortou-se numa mão, levou doze pontos, ou o que foi. Há uns tempos atrás a minha mulher até se assustou, porque cortei a luva inteira.” (B.O.)</i>	2	3

5.1.7	Partir a cabeça, dentes e nariz	São encontradas aqui todas as referências relativas a cabeça/nariz/e dentes partidos.	<i>“...e ele levou com um ferro na cabeça, assim aqui mostrando), levou trinta e sete pontos e partiu o nariz e partiu mais uns dentes. Foi a despejar” (B.O.)</i>	1	1
5.1.8	Trilhar dedos	Aqui encontram-se todas as referências alusivas a trilhar ou ficar sem dedos.	<i>“Já vi um colega nosso com o dedo ao penduro. Precisamente dos ganchos.” (O.T.)</i>	2	3
5.1.9	Pó nos olhos	Encontram-se aqui todas as referências a pó nos olhos.	<i>“E tem mesmo colegas nossos que já têm ido para o hospital por causa de levar com o pó nos olhos das lâmpadas. Ela parte, não é? Sai aquele pó...” (O.T.)</i>	2	3
5.1.10	Levar com tampa na cabeça	Aqui encontram-se todas as referências respeitantes a levar com tampa/s na cabeça.	<i>“... por exemplo, ainda agora tivemos um colega nosso que foi para acidentes que levou com uma tampa de uma sitileia na cabeça... aquilo é tudo ferro. “ (O.T.)</i>	1	1
5.1.11	Esmagar braço	Podem encontrar-se aqui todas as referências a esmagamento/s de braço/s.	<i>“E tive outro num carro pequenino, que tem a caixa e a placa anda ali muito justinha a pôr o lixo. Colocou o braço na placa, o motorista não se percebeu, carregou no botão e esmagou-lhe o braço. E depois aquilo não pára. Foi complicado esse.”</i>	1	1

			(S.R.)		
5.1.12	Quedas	Aqui encontram-se todas as referências a quedas – em cima, ou fora do caminhão.	<i>“Tirando as quedas ...” (P.C.)</i>	2	2
5.1.13	Embate no caminhão	Categorizam-se aqui todas as referências respeitantes a embates no caminhão, por parte de terceiros.	<i>“Também tive um colega que ia no caminhão, e um automobilista atrás bêbado bateu no poleiro e cortou-lhe uma perna. Dedos cortados também.” (S.R.)</i>	2	2
5.2	Doenças	Categorizam-se aqui todas as doenças advindas desta profissão que os trabalhadores têm, sendo, ou não, consideradas e atestadas como doenças profissionais.			
5.2.1	Gripes e constipações	Aqui encontram-se todas as referências relativas a gripes e a constipações que sofrem.	<i>“E constipações, então...uma pessoa anda quase sempre constipada.” (B.O.)</i>	2	5
5.2.2	Calcificação óssea	Aqui encontram-se referências relativas a doenças de calcificação óssea.	<i>“Antes... tínhamos que levar as gamelas para o caminhão, ao ombro. E agora, tenho uma calcificação óssea que quero mexer o braço e não consigo. Os maiores problemas aqui é a coluna. E a pressa às vezes não ajuda.” (S.R.)</i>	1	1
5.2.3	Filamentos esmagados	Encontram-se aqui todas as doenças referentes a filamentos esmagados.	<i>“Ah, eu tive um bem mais grave na perna esquerda, na canela. Eu tinha dois anos de casa, foi há 35</i>	1	1

			<p><i>anos, a descer do carro que estava cheio, só faltava apanhar um depósito do chão para ir à descarga. E nos carros antigos, o poleiro a medida que o carro enchia, descia. E o camião deu uns saltos, e o poleiro bateu e fomos todos projetados para trás e rocei com o osso da canela nos ferros. E estava de galochas, mesmo assim. Aquilo ganhou uma crosta mas foi mal limpo, tiveram que cortar tudo para desinfetar de novo. Tive quase um mês em casa e por causa disso, recentemente soube que tinha uma veia que ficou com os filamentos esmagados e tive que ser operado para tirar a veia.” (S.R.)</i></p>		
5.3	Relação Familiar	Categorizam-se aqui todas as influências que esta atividade pode, ou não, ter nas relações familiares dos Cantoneiros.			
5.3.1	Impacto	Aqui encontram-se todas as referências que os Cantoneiros afirmam como impactantes na sua dinâmica/relação familiar.	<p><i>“Jantar à noite, aquilo começou a mexer comigo, mas pronto a gente...” (O.T.)</i></p>	6	9
5.3.2	Não tem impacto	Aqui encontram-se todas as referências que os Cantoneiros afirmam como não impactantes na	<p><i>“Sim, ela só pega às dez da manhã. Mas por exemplo para jantar com ela, tenho que a ir buscar</i></p>	2	3

		sua dinâmica/relação familiar.	<i>ao trabalho. Ela sai às sete e eu entro às oito e meia, só que ela para vir de metro para cá e tudo, demora mais. Então o que é que faço, pego no carro, vou ter com ela, trago-a para casa, jantamos e depois vou à minha vida.” (E.G.)</i>		
5.4	Relações no trabalho	Categoriza-se aqui todas referências discursivas relativas às relações de trabalho dos Cantoneiros, com as chefias e com os seus colegas.			
5.4.1	Chefias	Podem encontrar-se aqui todas as referências às relações dos Cantoneiros com as suas chefias (no geral e não apenas chefias diretas).	<i>“Não tenho razão de queixa de nenhum.” (P.C.)</i>	6	33
5.4.2	Colegas	Podem encontrar-se aqui todas as referências respeitantes às relações dos Cantoneiros com os colegas de trabalho.	<i>“É porreira, cinco estrelas! Pode aparecer assim um mais terrorista e tal, mas olha, é sempre uma borgia com eles. Uma pessoa pica-se e tal, mas é bom (risos). Não, tem que ser. Uma pessoa às horas que passa lá atrás tem que ser bem-disposto e tem que ir a falar, senão... pronto.” (P.C.)</i>	6	38
5.4.3	Relação com os cidadãos				

5.4.3.1	Atitudes	São aqui categorizadas as referências às atitudes dos cidadãos para com os Cantoneiros.			
5.4.3.1.1	Reconhecimento	Encontram-se aqui as referências às percepções de reconhecimento por parte da sociedade no refere ao trabalho dos Cantoneiros.	<i>“...Dão dinheiro. Nas alturas de natal. Há pessoal que na altura da páscoa e fora os reis, pão de lós, vinho do porto, champanhe que dão. Dão muita coisa. Dão pão de lo, bolo-rei, bebidas.” (P.C.)</i>	6	31
5.4.3.1.2	Falta de reconhecimento	Encontram-se aqui as referências às percepções de não reconhecimento por parte da sociedade no refere ao trabalho dos Cantoneiros.	<i>“Falando no abstrato, a ingratidão e falta de reconhecimento.” (S.R.)</i>	6	17
5.5	Favores	Aqui encontram-se identificados exemplos dos favores que os Cantoneiros fazem a algumas pessoas e empresas no decorrer da sua atividade.	<i>“Sim, a gente também está a fazer um serviço. É assim, aquele ali em baixo, que nos deu as sandes, nós também não tínhamos que lá ir buscar os contentores. Eles tinham que os por cá fora.” (E.G.)</i>	3	6
5.6	Histórias de vida	Aqui encontram-se histórias de vida de outros cidadãos com quem os Cantoneiros se deparam na sua atividade, vistas e contadas.	<i>“Histórias de vida, pessoas que andaram atrás dos pais... e eu conheci um casal de médicos que andavam atrás do pai, e o pai também era médico... porque o pai saía de casa, porque era alcoólico, era alcoólico, pronto, e batia na esposa. Então para não bater na esposa, saía de casa. Pronto, também conhecia essas histórias... andavam atrás, se a gente</i>	4	9

			<i>via, se a gente nos desse indicações de quem era, às vezes dava as indicações...” (O.T.)</i>		
5.7	Troça	Aqui encontram-se referências sentidas pelos Cantoneiros como troça/gozo por parte de outras pessoas.	<i>“Eu às vezes para pegar, às vezes estou a chegar à beira de um contentor não é, e as pessoas estão ali e eu “Fogo, esta zona aqui cheira mesmo mal”. Vê-se muitas vezes, a gente a chegar a sítios e as pessoas já estão a tapar o nariz.” (E.G.)</i>	3	12
5.8	Penosidade	Categorizam-se aqui todas as referências que remetem para a penosidade desta atividade			
5.8.1	Perceção de penosidade	Aqui encontram-se todas as referências relativas às perceções de penosidade dos Cantoneiros decorrente da sua atividade.	<i>“A carga é um serviço mais violento.” (S.R.)</i>	3	16
5.8.2	Trabalhar até à reforma	Aqui podem encontrar-se todas as referências à vontade/dificuldade de trabalhar nesta profissão até à reforma.	<i>“Sim, para não ter hipótese nenhuma, sai daqui e vai para o cemitério mais próximo e nem goza a reforma ou chateia-se, vai embora mais cedo e leva um corte de todo o tamanho.” (S.R.)</i>	6	11
5.9	Gosto pela atividade	Encontram-se aqui todas as referências relativas a manifestações concretas de gosto, de prazer, por esta atividade, por parte dos Cantoneiros.	<i>“Porque isto, o trabalho é agradável. Pesado, mas uma pessoa sente-se livre. E como é de noite, não se sente ninguém. A gente suja-se, puxa pelo corpo, anda cerca de 30/40km por dia, mas isso também faz</i>	4	10

			<i>parte.” (S.R.)</i>		
5.10	Danos Materiais	Surtem aqui todas as referências respeitantes aos danos materiais que podem advir desta atividade.	<i>“O homem ficou todo atrapalhado, ficou branco, ficou vermelho, mudou de cor para aí 20 vezes. Pronto, ligámos, o Sr. A. foi a uma campainha à frente e veio uma rapariga. “Olhe, menina, este jipe é seu?” E ela “é, é...” Veio logo um rapaz, ele foi lá fora ver e eu já estava preparado que ele se comesse a mandar todo para mim. Para meu espanto, “olhe, passou-se isto, isto e isto, o rapaz está a aprender mas não se preocupe que o Sr. V. é o nosso chefe e ele trata de tudo”. E para meu espanto ele “ah, está bem, não há problema”. Mas ele mesmo tranquilo, o rapaz. Depois seguimos, ligámos e dissemos que o nosso chefe já ia a caminho, para ficar à espera porque tínhamos de continuar o trabalho. Lá foi e tratou de tudo.” (P.C.)</i>	2	5